



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE-CCBS

DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

CRISTIANI VIEIRA NUNES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO
CURSO DE BIOLOGIA: AMARGOS E LOUROS NA INSTITUIÇÃO
DE ENSINO SUPERIOR**

CAMPINA GRANDE – PB

2023

CRISTIANI VIEIRA NUNES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO
CURSO DE BIOLOGIA: AMARGOS E LOUROS NA INSTITUIÇÃO
DE ENSINO SUPERIOR

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Área de concentração: Educação Inclusiva

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre

CAMPINA GRANDE – PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N972p Nunes, Cristiani Vieira.

O processo de inclusão de estudantes surdos no curso de biologia [manuscrito] : amargos e louros na instituição de ensino superior / Cristiani Vieira Nunes. - 2023.

66 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre, Departamento de Educação - CEDUC."

1. Surdez. 2. Ensino da biologia. 3. Educação inclusiva. I.

Título

21. ed. CDD 372.35

CRISTIANI VIEIRA NUNES

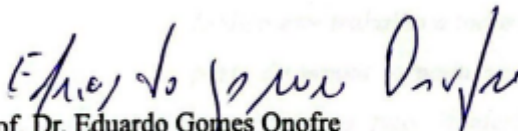
**O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO
CURSO DE BIOLOGIA: AMARGOS E LOUROS NA INSTITUIÇÃO
DE ENSINO SUPERIOR**


Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

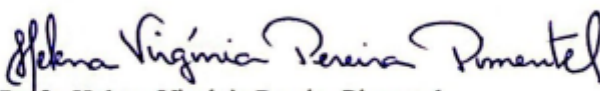
Área de concentração: Educação Inclusiva

Aprovada em: 28 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre
Presidente da banca/ orientador
Universidade Estadual da Paraíba


Profa. Dra. Aline dos Santos de Maman Santos
Membro interno
Universidade Estadual da Paraíba


Profa. Helena Virgínia Pereira Pimentel
Membro interno
Universidade Estadual da Paraíba

Dedico este trabalho a todos que fizeram parte da minha jornada acadêmica, em especial meus pais Vanderlei e Maria José, meus irmãos Rodrigo e Camila, meu namorado Hassani, a equipe do NAI da UEPB, meu orientador Eduardo, e meus amigos Herbert e Thays, que foram fundamentais nesse processo.

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo aos meus pais, Maria José Vieira Nunes e Vanderlei Nunes, que sempre acreditaram em mim e fizeram de tudo para que eu conquistasse meus objetivos, vocês são minha vida e minha inspiração.

Agradeço também a meus irmãos Camila e José Rodrigo, que me apoiam, me acolhem e me protegem estejam perto ou longe, estão sempre comigo, eu amo vocês. A minha avó Helena, a qual tenho um amor enorme, vó a senhora é uma inspiração pra mim, obrigada por me amar e acolher mesmo com a minha distância de ti.

Agradeço ao meu namorado Hassani Maurício, por ser meu aconchego, meu parceiro e por todo apoio que me forneceu durante essa jornada acadêmica. Aos meus amigos do início da graduação em Biologia, Érike Jardel, Ana Cláudia, Lívia e Lauriston, vocês me apoiaram, confiaram em mim e me ensinaram a crescer, nunca esquecerei vocês. Agradeço aos amigos verdadeiros que fiz no EMEFEAS, em especial Analice que sempre me deu forças para seguir em frente e minha amiga de infância Germana. Agradeço aos meus amigos do sítio, que com sua alegria tornavam minhas noites de viagem e cansaço mais leves.

Por fim, agradeço aos meus mestres, aos docentes que me fizeram ser quem sou profissionalmente, ao NAI, nas pessoas de Karla, Eduardo, Aluizio e Jeane e em especial Herbert e Thays, que foram divisores de água para a minha carreira, obrigada pessoal por me mostrar a importância da inclusão e que eu também posso ser capaz de fazer a diferença.

A todos a minha admiração, a todos o meu obrigado.

O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO CURSO DE BIOLOGIA: AMARGOS E LOUROS NA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Cristiani Vieira Nunes¹
Eduardo Gomes Onofre²

RESUMO

O objetivo desse trabalho foi investigar práticas inclusivas que favorecem a inclusão de estudantes surdos, desenvolvidas no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Realizamos uma pesquisa de natureza básica, com uma abordagem qualitativa, de pesquisa descritiva, dos procedimentos técnicos pesquisa participante. O cenário da pesquisa foi o Campus I da UEPB, localizado na cidade de Campina Grande - Paraíba e foi desenvolvida a partir da escuta de uma ex estudante surda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e seu Tradutor e Intérprete de Libras. A amostra foi composta pelos relatos apresentados pelos participantes através de uma entrevista semiestruturada, com a análise de dados inspirada na Análise de Conteúdo de Bardin (2009), sendo também realizada uma discussão acerca de dissertações acadêmicas que tratassem da inclusão de surdos no ensino superior. Com os resultados das entrevistas e da análise das dissertações, reconhecemos a importância dos recursos visuais para o processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo, o apoio do professor e monitor em adaptar suas aulas, e a necessidade da presença do tradutor intérprete de Libras dentro do ambiente acadêmico. Em contrapartida, constatamos que a falta de recursos materiais e humanos para garantir a acessibilidade da estudante, foram as principais barreiras ao processo de inclusão na universidade. Produzir este trabalho nos proporcionou a compreensão das lutas da comunidade surda e um sucinto entendimento de sua cultura, esperamos com ele proporcionar a reflexão acerca de quais são os caminhos para a inclusão.

Palavras-chave: Ensino de Biologia; Surdez; Educação Inclusiva; Práticas Pedagógicas.

¹Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba.

²Professor Orientador Dr. do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba.

O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO CURSO DE BIOLOGIA: AMARGOS E LOUROS NA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Cristiani Vieira Nunes¹
Eduardo Gomes Onofre²

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate inclusive practices that favor the inclusion of deaf students, developed in the Biological Sciences Degree course at Campus I of the State University of Paraíba (UEPB). We carried out a basic research, with a qualitative approach, of descriptive research, of the technical procedures of participant research. The research setting was Campus I of UEPB, located in the city of Campina Grande - Paraíba and was developed from the listening of a former deaf student of the Degree Course in Biological Sciences and her Translator and Interpreter of Libras. The sample was composed of the reports presented by the participants through a semi-structured interview, with data analysis inspired by Bardin's Content Analysis (2009), and a discussion was also held about academic dissertations that dealt with the inclusion of deaf people in higher education. With the results of the interviews and the analysis of the dissertations, we recognized the importance of visual resources for the teaching and learning process of the deaf student, the support of the teacher and monitor in adapting their classes, and the need for the presence of the Libras interpreter translator within the academic environment. On the other hand, we found that the lack of material and human resources to ensure the accessibility of the student were the main barriers to the process of inclusion in the university. Producing this work has provided us with an understanding of the struggles of the deaf community and a succinct understanding of their culture, we hope with it to provide reflection on what are the paths to inclusion.

Keywords: Biology Teaching; Deafness; Inclusive Education; Pedagogical Practices.

¹Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba.

²Professor Orientador Dr. do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 O PROCESSO EDUCACIONAL DO ESTUDANTE SURDO: ASPECTOS HISTÓRICOS E LEGISLAÇÕES	10
2.2 O ENSINO INCLUSIVO NA BIOLOGIA: CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	15
3 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS	21
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
4.1 DISSERTAÇÕES REFERENTES A INCLUSÃO DE DISCENTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR.....	27
4.2 A ENTREVISTA COM O TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS.....	30
4.2.1 As atribuições do TILS dentro da graduação de Biologia.....	30
4.2.2 A interação entre o professor e o TILS.....	32
4.2.3 Desafios do TILS nas aulas de Biologia.....	35
4.3 ENTREVISTA COM A DISCENTE SURDA.....	38
4.3.1 A entrada da discente surda na Universidade.....	38
4.3.2 Dificuldades encontradas pela discente surda.....	39
4.3.3 Mediação ao processo de ensino e aprendizagem com o discente surdo.....	41
4.3.4 A participação da discente surda em projetos na Universidade.....	43
4.3.5 Recomendações para inclusão de alunos surdos no Ensino Superior.....	45
5 GUIA DE CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE A – Roteiro das Entrevistas.....	64
APÊNDICE B -Roteiro das Entrevistas.....	65

1 INTRODUÇÃO

Conciliar os estudos com as demandas da vida adulta são os maiores desafios para os estudantes que ingressam em um ensino superior. Quando o olhar é voltado ao estudante surdo então, os desafios são ainda maiores, visto que, as Instituições de Ensino Superior - IES funcionam a partir de um contexto ouvinte e muitos docentes não possuem domínio sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Considera-se pessoa surda aquela que tem compreensão do mundo por meio de experiências visuais, em uma perspectiva cultural o surdo faz parte de uma comunidade que apresenta identidade e língua próprias (SANCHES; SILVA, 2019). Intensas e longas foram as lutas para que essa comunidade fosse devidamente respeitada e valorizada. Na Idade Média, por exemplo, a Igreja Católica exercia grande influência na sociedade e seguindo os princípios bíblicos de que o homem foi criado a imagem e semelhança de Deus, os que não se encaixavam nos ideais de normalidade não eram considerados humanos e assim, eram rejeitados pela sociedade (COELHO et al., 2022).

Durante os anos de 1880 e 1960, as singularidades concernentes à pessoa surda passaram a ser consideradas alterações patológicas, que deveriam ser minimizadas por meio de treino articulatorio para desenvolvimento da oralidade e reestabelecimento da audição através de aparelhos (PAIVA; MELO, 2021).

No que diz respeito ao tema, no Brasil, a comunidade surda também enfrentou diversas lutas por direitos. Nos últimos anos, porém, nosso país tenta trabalhar a proposta inclusiva, a partir da premissa de que todos devem ter o direito ao convívio com a diversidade, sendo essa interação positiva para o processo de desenvolvimento do indivíduo. Entretanto, essa proposta muitas vezes não leva em consideração as diferenças individuais, imergindo o surdo muitas vezes na cultura ouvinte (PRADO; SILVA, 2021).

A falta de profissionais fluentes em Libras, a insuficiência ou mesmo ausência de aula de Libras e Português para os estudantes surdos, a inadequação das metodologias adotadas ou a carência de instrumentos didáticos específicos para atender os referidos alunos, resultam em um descompasso de conhecimentos e de competências destes em relação aos ouvintes na educação básica, uma vez que suas habilidades não são exploradas (MANDELBLATT; FAVORITO, 2022). Une-se a esses fatores a falta de oportunidades oferecidas pela sociedade a todas as pessoas que possuem uma deficiência e as dificuldades, específicas dos surdos de se adaptarem ao Ensino Superior.

Mandelblatt e Favorito (2022) realizaram um estudo de revisão o qual apontaram os principais obstáculos enfrentados pelos surdos ao ingressar em uma IES, sendo a dificuldade de comunicação com os ouvintes a principal barreira para a socialização, relatam em alguns casos a falta de intérpretes de Libras aptos, a ausência de sinais para diversos termos acadêmicos/científicos e aulas ministradas em Português, com a inexistência em muitos casos de momentos planejados pelo professor para tomar nota, perdendo a oportunidade do registro de ideias e observações importantes.

Diante do contexto apresentado, o presente trabalho buscou responder a seguinte questão norteadora: quais práticas inclusivas favorecem atualmente a inclusão de estudantes surdos no Ensino Superior?

Frente à questão norteadora e da problemática aqui apresentada, este estudo tem como objetivo principal investigar práticas inclusivas que favorecem a inclusão de estudantes surdos, desenvolvidas no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Para esta finalidade, realizamos uma entrevista semiestruturada com uma ex aluna surda do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da referida IES e o seu Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais - TILS.

São relativamente poucos os estudos acerca do processo de ensino-aprendizagem de surdos no Ensino Superior em IES brasileiras. Observa-se um baixo ingresso desse público em cursos de graduação, associado a uma alta taxa de evasão como aponta o estudo de Ziliotto, Souza e Andrade (2018). Investigar as metodologias de ensino adotadas por uma IES para o processo de inclusão de estudantes surdos, a partir da perspectiva de uma estudante surda e seu TILS, pode corroborar com as discussões acerca dos caminhos que favoreçam a plena inclusão e desenvolvimento da pessoa surda no contexto educacional e social.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O PROCESSO EDUCACIONAL DO ESTUDANTE SURDO: ASPECTOS HISTÓRICOS E LEGISLAÇÕES

O primeiro professor para surdos reconhecido pela história, foi o monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520-1584), que foi designado a auxiliar dois meninos surdos, os irmãos Velasco, pertencentes a aristocracia espanhola em seu processo educativo. Leon teria sido o primeiro a introduzir a linguagem de sinais, porém seus métodos não ficaram registrados (CASTRO; CALIXTO, 2016).

Costa e Sardagna (2021) relatam, que durante a Idade Média, a Igreja proibia os surdos de casar-se, de receber a comunhão (pois não podiam se confessar oralmente), de votar e receber heranças, em tal período, era comum nos mosteiros os votos de silêncio, castidade e pobreza, dessa forma, os monges desenvolveram uma forma de comunicação gestual, permitindo Leon ensinar a leitura, a fala e a escrita aos dois irmãos.

Em 1620 foi publicada a primeira obra sobre educação de surdos, intitulada “Reduccion de las letras y arte de enseñar a hablar los mudos” de autoria de Juan Pablo Bonet, que continha um alfabeto digital muito similar ao utilizado atualmente no Brasil. No entanto, foi Abade L’Epée (1712-1789), que conseguiu organizar a forma de comunicação por meio dos sinais a ponto de expressar ideias complexas que antes acreditava-se serem de impossível compreensão aos surdos. As divulgações das metodologias de L’Epée foram essenciais para a criação da primeira escola pública para surdos em Paris e para a chegada da língua de sinais na América (CASTRO; CALIXTO, 2016).

De acordo com Texeira, Oliveira e Freitas (2021), a educação para surdos seguiu três correntes metodológicas ou filosóficas, o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. O oralismo foi defendido no Congresso Internacional de Educação de Surdos de 1880, que ocorreu em Milão, na Itália. Realizado para educadores de estudantes surdos, este congresso defendeu que a educação oralista seria a mais apropriada em relação a linguagem gestual e decretou oficialmente a proibição da língua de sinais na educação de surdos. Os oralistas acreditam que a língua de sinais era um retrocesso da linguagem. As consequências dessa proibição foram enormes, com a perda da qualidade de ensino e aprendizagem pelos surdos.

Como reação a essa proibição, em 1889, começam a acontecer congressos organizados pelas associações de surdos-mudos, para rever as decisões tomadas em Milão. Em Paris foi formulada então, uma solicitação de restauração da linguagem gestual nas escolas de surdos-mudos. No Congresso de Genebra em 1896, surgiram várias sugestões de retorno ao método misto que combinava tanto o uso de sinais quanto da oralidade de acordo com a necessidade de cada aluno (RODRIGUES et al.,2020). O Congresso de Paris teve participação tanto de ouvintes quanto de surdos, e se debruçou sobre a questão da assistência, sugerindo um rompimento dessa prática para uma implementação de uma educação de surdos.

Imagem 1 - Instituto Nacional para Jovens Surdos de Paris.



Fonte: Wikipédia L'encyclopédie libre (2011).
*Pátio do Instituto com a estátua de Charles-Michel de L'Épée.

No Brasil a educação dos surdos teve início em 1855, quando o professor Eduard Ernest Huet, francês que perdeu a audição aos 12 anos por consequência do sarampo, chegou ao Brasil a pedido de Dom Pedro II para iniciar um trabalho com crianças surdas, membros da nobreza (COSTA; SARDAGNA, 2021). Huet que estudou no Instituto Nacional de Surdos de Paris, teve contato com a metodologia utilizada por L'Épée (CASTRO; CALIXTO, 2016). E em 1857, através da Lei nº839, foi fundado o Instituto de Surdos Mudos (ISM), na cidade do Rio de Janeiro, que posteriormente passou a se chamar Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que até os dias atuais é referência (COSTA; SARDAGNA, 2021). Na época, o INES mesclava a língua de sinais francesa e a brasileira, já utilizada pelos surdos do Brasil (CASTRO; CALIXTO, 2016).

Pedrosa (2019) relata que o INES foi fundado a partir da valorização da língua de sinais, porém, também passa a proibir essa língua após o Congresso de Milão, aderindo ao oralismo puro por certo período. Institucionalizada a partir de 1951 pela gestão de Ana Rímoli de Faria Dória as práticas oralistas foram acatadas sem grandes questionamentos até o início dos anos 1980; a língua de sinais era “tolerada” somente quando os alunos não conseguiam aprender a falar, estando seu uso atrelado ao fracasso de alunos e professores. O INES deveria ensinar o aluno a falar e também o preparar para o mercado de trabalho (LOPES; FREITAS, 2016).

Imagem 2 - Instituto Nacional de Educação de Surdos.



Fonte: Libras.com.br (2018).

Tendo o foco da sociedade capitalista no desenvolvimento econômico e do capital, a surdez era tida como uma doença, que poderia ser curada com médicos e fonoaudiólogos afim de tornar os surdos atuantes no mercado de trabalho, gerando lucro e desenvolvimento social (ROCHA; SILVA, 2021). É implantado então no INES cursos profissionalizantes para que os surdos entrassem no mercado de trabalho. Na época, o único trabalho que acreditava-se ser de possível realização por esse público era o trabalho no campo, os cursos então, eram voltados ao trabalho agrícola, onde a comunicação não era tão exigida (CASTRO; CALIXTO, 2016).

A entrada de novos professores com renome universitário na instituição, favoreceu em 1989, o início das discussões sobre a eficácia dos métodos orais. Além disso, o corpo discente organizado em grêmio, vislumbrou o momento político para a entrada oficial da língua de sinais na escola, com apoio da então diretora pedagógica Marilene Nogueira, que por esse motivo foi afastada do INES. No entanto, havia ainda, a presença de professoras defensoras do ensino bilíngue, com intenção de construir as bases

institucionais para uma política que garantisse a língua de sinais como língua instrucional de ensino (LOPES; FREITAS, 2016).

Zilio e Kraemer (2020) apontam a década de 1990 como o período em que o movimento político das pessoas surdas passa a construir ações importantes, dentre elas a produção do documento “A educação que nós surdos queremos”, elaborado por eles no Pré-Congresso ao V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos (1999) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Neste documento é reivindicado o direito de opção pela educação que melhor atende aos surdos brasileiros, com a LIBRAS como primeira língua e a língua portuguesa como segunda e utilizada na escrita.

De 7 a 10 de junho de 1996 na cidade de Salamanca, na Espanha, ocorreu a Conferência Mundial de Educação Especial, que reuniu representantes de 92 governos, incluindo o Brasil. Nesta Conferência, foi redigida a Declaração de Salamanca, que trata sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais, na qual é sugerido que as políticas educacionais devem levar em total consideração as diferenças e situações individuais, com o reconhecimento da língua de sinais como meio de comunicação entre os surdos, sendo garantida as pessoas surdas, o acesso à educação em sua língua nacional de sinais. A educação deveria ser voltada às necessidades dos indivíduos, com o objetivo de torna-los aptos a participar totalmente no desenvolvimento da sociedade (SANTOS; ROCHA FILHO; VASCONCELOS, 2023).

Nesse sentido, após uma longa luta dos movimentos políticos de surdos para uma educação bilíngue junto ao Congresso Nacional, a LIBRAS foi reconhecida pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e sancionada posteriormente em 2005 pelo decreto nº 5.626, que assegurou, dentre outros direitos, a inclusão obrigatória da disciplina Libras nos cursos de formação de professores; a criação dos curso de Licenciatura em Letras-Libras e Bacharelado em tradução e interpretação; criação de cursos de pedagogia bilíngue; a presença de tradutores-intérpretes de Libras-Língua Portuguesa nos contextos escolares; o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas e mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua (PROLIBRAS apud SILVA; FAVORITO, 2018).

Em 2006, foi oferecido o primeiro Curso de Graduação em Letras-Libras no Brasil, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na modalidade à distância com 9 polos, no qual foram inscritos 495 alunos, em sua maioria surdos. Em 2008, o curso

incluiu o bacharelado em tradução e interpretação e no ano seguinte, a modalidade presencial (LAGE; KELMAN, 2019).

O reconhecimento da Libras como Língua através da Lei nº 10.436, além de permitir a educação bilíngue para surdos, proporcionou a aceitação da existência de uma marca cultural importante no contexto da diferença linguística para a inclusão desse público (ALMEIDA; SANTOS, 2022).

A Lei nº 14.191 de 3 de agosto de 2021, aborda a acessibilidade, o apoio educacional, a assistência estudantil e a promoção de igualdades à pessoa surda. Com essa Lei a pessoa surda passa a ter a garantia de oferta da educação bilíngue de surdo a partir de zero ano na educação infantil, estendendo-se essa garantia por toda a vida (SANTOS; ROCHA FILHO; VASCONCELOS, 2023).

De acordo com a Lei nº 14.191/2021, artigo 60-A:

Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (BRASIL, 2021, s/p).

Santos, Rocha Filho e Vasconcelos (2023) descrevem a riqueza da Libras, considerada uma língua completa, independente e caracterizada por ter estrutura gramatical própria e complexa, com regras fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas e pragmáticas. De acordo com mesmos autores, todas essas conquistas em termos legais, incentivaram a inclusão dos estudantes surdos gradativamente na escola, que agora tinham uma legislação que busca atender as suas necessidades específicas, tais como, a presença do intérprete em sala de aula, a educação bilíngue e o reconhecimento da Libras como língua oficial do surdo brasileiro, também disposto no Plano Nacional de Educação (PNE) Lei nº 13.005/2014 que dispõe sobre a oferta da educação inclusiva.

Com as leis que reconhecem a Libras enquanto língua de fato, os surdos passaram a ter acesso a ela como direito linguístico, desse modo, as instituições precisaram garantir acessibilidade através do profissional TILS (BRASIL, 2014).

A Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010 regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Libras e dispõe de suas atribuições e deveres. De acordo com o artigo 6º desta lei, são atribuições do TILS: efetuar comunicação por meio da Libras para a língua oral e vice-versa; interpretar em Libras e Língua Portuguesa as atividades didático-

pedagógicas; atuar nos processos seletivos para cursos e concursos públicos; atuar no apoio e acessibilidade aos serviços e atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas e prestar serviços em depoimentos em juízo (BRASIL, 2010).

O Artigo 7º da Lei nº 12.319/2010 afirma os valores éticos da profissão de TILS, pelo respeito a pessoa humana e a cultura do surdo, com honestidade e discrição, pela atuação livre de preconceitos, pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir, pela postura e conduta adequada aos ambientes que frequentar, pela consciência do direito social da expressão independente da condição socioeconômica e pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda (BRASIL, 2010, ART 7º).

Como guia para a prática profissional de TILS, a Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils) criou o Código de Conduta e Ética (CCE) desses profissionais, que reforça as imposições da Lei nº 12.319. Em seu Artigo 5º apresenta os princípios definidores para a conduta profissional do TILS e GI (Guia-Intérprete para Pessoas Surdocegas), que são: confidencialidade; competência tradutória; respeito aos envolvidos na profissão e compromisso pelo desenvolvimento profissional (BRASIL. FEBRAPILS, 2014).

O artigo 10º do CCE (2014) dispõe das responsabilidades do TILS e do GI, que incluem: a atualização dos assuntos concernentes à profissão; a busca da formação continuada e aperfeiçoamento profissional; o cuidado com a postura e aparência em apresentações; a utilização de todos os conhecimentos linguísticos, técnicos e científicos a seu alcance para melhor desempenho e a solidariedade com iniciativas a favor dos interesses da categoria.

2.2 O ENSINO INCLUSIVO NA BIOLOGIA: CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Em seu livro “Práticas Educativas”, Antoni Zabala (1998), discorre como os professores tendem a avaliar todos os seus alunos da mesma maneira, seguindo as mesmas atividades avaliativas, sem levar em consideração as particularidades de cada um. Afirma então, a importância da atenção a diversidade, identificando os condicionantes que impedem o processo de ensino-aprendizagem do aluno, mesmo que seja algo difícil devido a tamanha diversidade encontrada em sala de aula, o professor deve buscar respostas adequadas a necessidade de todos.

Franco (2017) discorre que trabalhar pedagogicamente a docência implica sobretudo, um trabalho coletivo e democrático que visa a formação plena e integral de cada sujeito, pressupondo sua integração a sociedade e participação em igualdade de condições com todos, preconizando a inclusão e acolhimento do indivíduo independentemente de suas especificidades físicas, intelectuais e sociais afetivas. O autor ainda reforça que a prática pedagógica deve além de acolher o aluno, habilitá-lo a inserir-se como sujeito que sabe que pode aprender e que aprende.

Há a necessidade de sair do tradicional e refletir sobre si mesmo e acima de tudo enxergar o ser em sua multidimensionalidade, reconhecendo o seu contexto como fator importante na vida do ser humano. É necessário que ocorra uma transformação pessoal para posteriormente transformar as práticas e ações enquanto sujeitos atuantes no mundo, sendo a prática o reflexo do pensamento (PINHO; QUEIROZ, 2021).

Cada atividade básica como ensinar, avaliar e orientar, subjazem componentes da experiência e da formação, além das concepções individuais que se fazem presentes na ação docente, ou seja, ensinar, mesmo que assuma formas evidentes que se expressam de modos semelhantes entre os professores, estes modos são planejados e agenciados de maneiras distintas, particulares a cada docente e somente ele pode acessá-los (FORTUNATO, 2020).

A prática pedagógica deve ser crítica para que a inclusão se concretize. A educação escolar deve ser o instrumento da humanização do sujeito em sua convivência social, uma vez que imersos nas diversas influencias educacionais estão constantemente interagindo e intervindo em seu contexto cultural, proporcionando condições emancipatórias e humanizantes da civilização (FRANCO, 2017). “Portanto o processo de inclusão começa na boa formação docente, para que este, de posse de práticas e teorias pedagógicas adequadas possa reivindicar espaços e tempos necessários ao processo de inclusão” (FRANCO, 2017, p. 975).

Zabala (1998) discorre que promover a atividade mental auto estruturante possibilita a atuação autônoma do aluno, que lhe permite dar-se conta das dificuldades e se necessário pedir ajuda, experimentar o que aprende, o que o motiva a se esforçar, e isso depende de como o professor tenta motivá-lo, fazendo-o sentir que sua contribuição será necessária ao aprendizado. É um conjunto de interações baseadas na atividade conjunta de professores e alunos, que os fazem ver o ensino como um processo de construção compartilhada de significados, orientados para a autonomia, mas que não a oponha à

ajuda necessária que este processo exige, sem a qual dificilmente se alcançaria o êxito na aprendizagem escolar (ZABALA, 1998).

De acordo com Bolzan, Cunha e Powaczuki (2022), a prática educacional ainda está longe, de uma prática inovadora que atenda aos novos perfis de estudantes que chegam à educação superior, com múltiplos saberes, culturas e diversidade, que exigem a construção de processos emancipatórios nas IES. Os autores supracitados discorrem sobre a importância de pensar em metodologias baseadas em projetos capazes de colocar estudantes e professores em situações práticas, dando outro sentido ao conhecimento, além de considerar que aprender envolve processos cognitivos, emocionais e sociais que vão além do domínio do campo científico.

O contexto universitário é desafiador para todos os estudantes, as obrigações e problemas de adaptação são os principais condutores ao abandono do curso, ao se tratar porem, de estudantes surdos o processo ainda é mais complexo, visto que as universidades são regidas conforme o mundo ouvinte, no qual a comunicação oral-auditiva desempenha papel central na organização dos espaços de ensino-aprendizagem e socialização, não se considerando devidamente a identidade surda (GOMES; SILVA; SOUZA, 2018).

Segundo Gomes, Silva e Souza (2018) apesar das legislações vigentes versarem sobre a inclusão de surdos nos sistemas educacionais, essa inclusão ainda não é efetivada com qualidade e muitas instituições não possuem o preparo necessário para se adequar as necessidades desses alunos. Ainda citando Gomes, Silva e Souza (2018) as instituições de ensino geralmente não atendem as condições específicas desse público, o que tem repercutido negativamente em sua trajetória escolar que costuma se alongar, com uma frágil formação durante a educação básica que se reflete no ensino superior.

Mesmo com a Libras sendo uma disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura, visando a instrumentalização do professor para atuar com a primeira língua dos surdos, essa formação tem se demonstrado deficiente, uma vez que muitos professores universitários não dialogam em Libras com os alunos surdos (GOMIDES et al., 2023). “[...] entender o surdo do ponto de vista cultural é assumir que eles possuem capacidades e potencialidades que podem ser desenvolvidas no ensino superior, se forem devidamente estimuladas” (GOMIDES et al., 2023, p. 60).

A escola deve oferecer ao aluno surdo possibilidades verdadeiras de aprendizagem para que se tenha a inclusão deste de fato, caso o contrário estará sendo realizada apenas uma integração do aluno, mas ele não estará envolvido no processo de aprendizagem. Desse modo, se torna necessário também a comunicação do professor com o aluno, para

compreensão do conteúdo por este e também para a manutenção de uma relação estável (SANTOS et al., 2019).

Todas as áreas do saber podem se alinhar a perspectiva da educação bilíngue, tornando os conteúdos acessíveis em línguas de sinais e na língua portuguesa, trazendo para as aulas recursos mais visuais, além da importância da formação continuada para professores sobre as especificidades dos alunos surdos e da Libras (SANTOS et al., 2022).

A implementação de diferentes atividades, com integração das diversas realidades de cada indivíduo e de linguagem atreladas a utilização da sequência didática no ensino de biologia, podem auxiliar no processo ensino e aprendizagem (SANTOS et al., 2022). Para Zabala (1998, p. 20):

Sequências didáticas, são uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática. Assim, pois, poderemos analisar as diferentes formas de intervenção segundo as atividades que se realizam e, principalmente, pelo sentido que adquirem quanto a uma sequência orientada para a realização de determinados objetivos educativos.

Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas no âmbito da educação de surdos, devem considerar a Libras como primeira língua do surdo e o português como segunda, a língua escrita, simultaneamente ao entrelaçamento do ensino de biologia a essas experiências linguísticas (SANTOS et al., 2022).

A presença do tradutor intérprete de Libras nas instituições de ensino se faz essencial para plena comunicação do aluno surdo com o professor e demais colegas e educadores do convívio social, visto que, como aqui já mencionado, poucos professores possuem domínio da língua. Bezerra et al. (2021) em seu estudo sobre o processo de ensino-aprendizagem de um aluno surdo na disciplina de Biologia, entrevistam sua intérprete de Libras que relata a dificuldade de tradução quando se trata de assuntos específicos, cujo os sinais, por vezes, não estão convencionados na comunidade surda, e fortalece assim, a importância da interação intra e extra classe entre o professor, o tradutor intérprete de libras e o aluno.

A ausência de sinais em Libras para diversos termos em Biologia, obriga o intérprete a recorrer a datilologia, que segundo Bezerra et al. (2021), por mais que o aluno aprenda a palavra a ausência do sinal pode implicar em uma aprendizagem não potencial.

Devido as necessidades da comunidade surda no ambiente de ensino, e a responsabilidade do docente para com a educação inclusiva disposta em leis, como aqui já apresentado, muitos trabalhos na área da Biologia têm sido desenvolvidos, afim de

atender ao processo de inclusão do aluno surdo no curso, com a construção de metodologias didáticas voltadas a esse público.

Maman, Fonseca e Rêgo (2021), elaboraram um material didático de anatomia humana em LIBRAS sobre o sistema esquelético, abordando detalhadamente 96 estruturas anatômicas e seus respectivos sinais em LIBRAS, para o desenvolvimento desse trabalho, contaram com uma equipe composta por surdos e por profissionais ouvintes, especializados em Anatomia Humana e em LIBRAS da Universidade Estadual da Paraíba. Em cada página do primeiro módulo criado pelos autores supracitados, apresenta-se uma estrutura anatômica, com seus nomes em português e inglês, textos de descrição da estrutura anatômica em ambas as línguas citadas, ilustrações da estrutura e o link para assistir vídeos de execução do respectivo sinal em LIBRAS.

Martins e Piemonte (2020) da Universidade Federal do Paraná, no contexto do ensino híbrido resultado da Pandemia do Covid-19, construíram uma Webquest abordando o conteúdo de Histologia, utilizaram a plataforma Wix®, onde todas as informações sobre o tema em português foram traduzidas em imagens e vídeos em Libras, o que possibilitou o desenvolvimento de atividades acerca do tema pelos discentes. Proporcionaram assim, um ensino bilíngue da matéria que segundo os autores, proporcionaram ao surdo “uma melhor percepção de fenômenos biológicos contemplando suas necessidades e privilegiando suas habilidades visuais” (MARTINS; PIEMONTE, 2020, p. 1972).

Os autores supracitados ainda propuseram a criação de um site com a colaboração de todos os alunos, cada um realizava pesquisas sobre o tema foco (Histologia) e acrescentava ao site, com imagens, vídeos, textos e até vídeos em Libras produzidos pelos próprios estudantes, com o professor fazendo as correções necessárias, além de avaliações utilizando jogos virtuais como o Kahoot e autoavaliação (MARTINS; PIEMONTE, 2020).

Rodrigues (2020) do Centro Universitário Campos de Andrade, desenvolveu em colaboração com TILS e alunos surdos, sinais em Libras para termos Botânicos que ainda não existiam. Para esta finalidade, apresentaram aos seus colaboradores os elementos que queriam representar em língua de sinais, com imagens, definições e descrição visual também em quadro, afim de que, compreendido os conceitos os sinais pudessem ser criados. A materialização dos sinais foi realizada com a gravação de vídeos apresentando cada sinal e a imagem da estrutura vegetal que este representava, criando ao término do projeto 50 sinais de termos botânicos.

Tavares, Anic e Cabral Neto (2018) do Instituto Federal do Amazonas, desenvolveram uma Unidade de Ensino Potencialmente Significativa, abordando o tema Citologia para surdos, a unidade não teve apoio de TILS, mas foi ministrada em Libras e se fundamentou na utilização de metodologias ativas para ensinar conteúdos referentes a célula, como a realização de mapas conceituais, construção de modelos didáticos das células e da membrana plasmática, experimentos e aula de microscopia para obtenção de dados de pesquisa.

Como recursos os autores supracitados utilizaram imagens, animações e objetos de aprendizagem interativa e no processo avaliativo foram utilizados mapas conceituais com modelo pré-estruturado para facilitar o processo de escrita dos alunos e com a disposição de conceitos prévios. As atividades repetiam o mesmo tema, afim de promover a memorização deste por parte do aluno. Concluíram então que o mapa conceitual é um potencial recurso avaliativo para surdos quando aplicados também durante as atividades (TAVARES; ANIC; NETO, 2018).

Rodrigues et al. (2019) desenvolveram uma prática educativa com auxílio de uma equipe multidisciplinar constituída por doutores, mestres e professores bilíngues nas áreas de Química e Pedagogia para construção de um glossário de equipamentos laboratoriais em Libras. Para esta finalidade, eles tiveram a presença de pessoas surdas para elaboração dos sinais, afim de ter sua aceitação e manter o respeito a cultura do surdo, todavia, o processo criativo foi auxiliado pelos profissionais aqui descritos no que se refere aos conhecimentos científicos.

3 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS

Esta pesquisa é de natureza básica, com uma abordagem qualitativa, de pesquisa descritiva, dos procedimentos técnicos pesquisa participante. Na pesquisa qualitativa a coleta de dados é concebida de uma maneira muito mais aberta e tem como objetivo um quadro abrangente, possibilitado pela construção do caso que está sendo estudado (FLICK, 2013).

Como instrumento da pesquisa foi realizada uma entrevista semiestruturada com a ex estudante surda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), localizada na cidade de Campina Grande (PB) e seu Tradutor Intérprete de Libras. Afim de preservar a identidade dos entrevistados, iremos nos referir a ex estudante como “Maria” e ao tradutor intérprete de libras como “TILS”, mesmo nas falas transcritas dos mesmos em que houve a citação de seus nomes. Esse tipo de entrevista foi escolhido por abrir espaço ao diálogo, de forma que o entrevistado não precise ter um padrão de respostas fixas e possa, assim, se sentir livre para expressar suas ideias e vivências.

De acordo com Gil (2010), muitos autores consideram a entrevista como técnica por excelência na investigação social, sendo adotada como método fundamental de investigação nos mais diversos campos, e ainda atribui a ela importância no grande desenvolvimento das pesquisas sociais.

A análise de dados do presente estudo, foi inspirada na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2009) que busca compreender os discursos de forma analítica, ir além, da descrição dos fatos e analisá-los cuidadosamente. Segundo Bardin (2009) a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 40).

De acordo com Silva e Hernández (2020) a análise de conteúdo ocupa uma posição de prestígio como técnica de coleta de dados nas Ciências Sociais. A análise de conteúdos trabalha com a materialidade linguística através das condições empíricas do texto, estabelecendo categorias para sua interpretação, não fazendo relações além dele, esperando compreender o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso no texto, numa concepção transparente da linguagem (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Na Análise de Conteúdo de Bardin (2009), as fases organizam-se em torno de três polos cronológicos, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise é a fase de organização propriamente dita que tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais para produzir um esquema preciso do desenvolvimento das operações em um plano de análise, para esse fim, a partir da escuta das gravações das entrevistas que foram realizadas por meio do gravador de voz do celular, foi realizada sua transcrição, e organização de seu conteúdo em categorias que proporcionassem uma sequência lógica dos discursos.

Em seguida iniciamos a exploração do material, que consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas (BARDIN, 2009). Assim, reunimos recortes das entrevistas que se encaixassem em cada categoria pré formulada, afim de compreendermos quais foram as ações desenvolvidas pela Universidade para inclusão de uma discente surda, os desafios da inclusão, e as observações dos entrevistados a cerca de providências importantes para melhor efetivação do processo inclusivo nas IES.

Por fim, realizamos o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação dos mesmos, com aporte teórico de diversos atores que trabalharam os assuntos tratados ao longo dos anos. Nessa fase, “os resultados em bruto são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos” (BARDIN, 2009, p.127).

Afim de compreender como o tema da inclusão de surdos em cursos de graduação na área das Ciências da Natureza, vem sendo discutido no meio acadêmico, realizamos também, uma busca por teses e dissertações, que tratassem do tema nos últimos quatro anos. A pré-análise seguiu com a leitura flutuante dos trabalhos encontrados, e a seleção daqueles que se encaixassem nos critérios aqui mencionados. Em seguida foi realizada a exploração do material, dividindo seu conteúdo conforme é apresentado no **quadro 1** abaixo. O tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação, seguiu a partir da análise individual de cada trabalho, tendo como foco, principal, as metodologias desenvolvidas pelos mesmos, a conclusão e produtos gerados e posterior comparação entre as similaridades que os trabalhos apresentavam.

Quadro 1- Dissertações de mestrado

	Dissertação 1	Dissertação 2	Dissertação 3	Dissertação 4
Título	O Processo de Inserção da Primeira Estudante Surda em um Programa De Pós-Graduação em uma Universidade Pública do Sul de Minas	O recurso audiovisual no ensino de surdos numa abordagem ciência, tecnologia, sociedade, ambiente: diálogos sobre radiação e a saúde humana	Desafios e Possibilidades na Formação Acadêmico/Profissional de Estudantes Surdos em Licenciaturas de Química, Física e Matemática	Terminologia em Língua de Sinais: Glossário Botânica em Libras
Autor (es)	Adrielly Antonia Santos Gomes	Kamilla Fonseca Lemes Garcia	Karianny Aparecida Gerotto Del Mouro	Taise Gomes dos Santos Cá
Data	2022	2022	2023	2021
Tipo de pesquisa e instrumento metodológico	Pesquisa qualitativa, utilizou a entrevista semiestruturada.	Pesquisa qualitativa com aplicação de questionários e observação participativa.	Pesquisa qualitativa, empírica, de caráter exploratório, utilizando o estudo de caso, e a ferramenta de entrevista semiestruturada.	Pesquisa qualitativa de natureza descritiva, com análise de correspondência entre os léxicos das duas línguas a LIBRAS e o Português e pesquisa de campo.
Cenário e participantes	A pesquisa foi desenvolvida na Universidade Sol Poente de Minas Gerais. Os participantes foram a primeira estudante Surda aprovada em um programa de pós-graduação, o intérprete que esteve presente nesse processo, a representante do programa de	O Cenário da pesquisa foi o Instituto Federal de Goiás, e os participantes foram professores e estudantes que se inscreveram no curso aplicado, sendo 18 pessoas surdas e duas ouvintes.	Os participantes foram 4 surdos que se formaram ou estavam concluindo a graduação em Química, Física ou Matemática em qualquer IES do Brasil.	O Cenário do estudo foi a Universidade Federal do Pampa e os participantes foram os TILS, docentes e discentes surdos da universidade, assim como a comunidade acadêmica da como um todo.

	<p>acessibilidade da instituição na época, as monitoras e o monitor do programa de monitoria no ano de 2020/1 e 2020/2 e as e os docentes que lecionaram para a estudante Surda no período de 2020/1 e 2020/2.</p>			
Objetivo principal	<p>Identificar as ações que já existiam em uma universidade pública do Sul de Minas Gerais e as que foram implementadas para incluir uma mestranda Surda no programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática.</p>	<p>Avaliar o potencial para aprendizagem de recursos audiovisuais com interpretação em Libras no ensino da temática “Radiações e suas relações com a saúde humana” numa abordagem CTSA.</p>	<p>Identificar os motivos que ocasionaram o ingresso, curso e conclusão dos surdos nas licenciaturas de química, matemática e física.</p>	<p>Desenvolver um Glossário Bilíngue com enfoque no componente curricular Evolução do curso de Ciências da Natureza da Universidade Federal do Pampa - Campus Dom Pedrito com vistas a sistematizar termos na área da Botânica partindo do Português para assim criar sinais-termo correspondentes na Língua de Brasileira de Sinais.</p>

Resultados	Percebeu-se a importância da utilização de recursos visuais para a acessibilidade de Surdas e Surdos nas universidades, sendo esta uma ação desenvolvida pelo corpo docente e pela monitoria no processo de inclusão da mestranda Surda.	A pesquisa qualitativa adotada possibilitou um processo de interação com os sujeitos da pesquisa, por meio de questionários e da observação participativa. Os resultados obtidos apontam para a eficácia da prática pedagógica, minimizando as dificuldades educacionais reveladas por estes estudantes.	As experiências de cada entrevistado são únicas, mas apresentam similitudes, trazendo à luz problemas como falta de professores capacitados no processo ensino-aprendizado da educação bilíngue deste na formação básica e/ou a negligência das IES na aplicabilidade das leis e/ou a demora para cumpri-las. Os entrevistados não apresentam arrependimentos de suas escolhas acadêmicas, mesmo com as dificuldades, sendo que dois dos entrevistados já concluíram suas licenciaturas, e atuam na área da educação bilíngue de forma direta de formação, e dois estão no processo de formação, mas já atuam como docente na educação bilíngue, no entanto, não em suas áreas de estudos. Todos apresentam perspectivas de continuação aos estudos.	A pesquisa possibilitou a construção de um glossário de botânica com 43 termos em Libras, com a contribuição dos participantes da pesquisa. Esse glossário é um instrumento que favorece o acesso dos surdos a conhecimentos científicos, cujos sinais ainda não foram criados.
------------	--	--	--	---

Conclusão	<p>As pessoas Surdas podem cada vez mais ter acesso ao ambiente acadêmico desde que lhes sejam dadas condições necessárias e suficientes para lidarem com os desafios que vão surgindo. Porém, a inclusão e permanência de Surdas e Surdos nas IES ainda é uma realidade distante. Reforça-se a importância da interação entre Surdas, Surdos e ouvintes, que além de construir um espaço de aprendizagem, podem se unir para lutar juntos pelos direitos que beneficiarão todas as pessoas.</p>	<p>A análise dos dados obtidos a partir da aplicação das aulas permitiu concluir que uma sequência de atividades que faz o uso de recurso audiovisual, elaborada de forma acessível e aplicada em parceria com um profissional Intérprete de Língua de Sinais, oportuniza o acesso ao conhecimento de modo científico, tecnológico, social e ambiental, de forma igualitária e com liberdade dialógica em sala de aula.</p>	<p>A pesquisa se mostrou pertinente, assumindo um lugar importante como instrumento de pesquisa para futuros trabalhos acadêmicos, ao apresentar uma estrutura teórica convergente com as narrativas apresentadas em seu corpus. Como analisar melhorias nos currículos das licenciaturas de ciências exatas; Estudar métodos na qual a questão linguística deixe de ser uma barreira entre o ensino-aprendizado; Buscar propostas que preparem os docentes para trabalharem com a educação bilíngue</p>	<p>As pesquisas na área de Terminologia da Língua Brasileira de Sinais, no que diz respeito à organização, o registro e criação de materiais termográficos bilíngues podem ser aprofundadas e ampliadas. Glossários servem de motivação para o desenvolvimento de novos repertórios terminológicos em LS, que favoreçam as pessoas com surdez.</p>
Produto final	<p>Produção de um Guia-Didático Pedagógico, contendo as ações que uma instituição de Ensino pode desenvolver ao receber estudantes Surdos em seus espaços acadêmicos.</p>	<p>Produção de uma sequência de atividades com a utilização de vídeos e videoaulas acessíveis em Libras e com legenda para a utilização do professor.</p>	<p>O artigo se tornou instrumento de pesquisa para futuros trabalhos na área da inclusão.</p>	<p>Criação de um glossário bilíngue na área da botânica.</p>

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Afim de compreender quais as práticas inclusivas que favorecem a inclusão de uma estudante surda, desenvolvidas no curso de Licenciaturas em Ciências Biológicas do Campus I da UEPB, apresenta-se neste capítulo as reflexões e interpretações acerca das entrevistas realizadas com a ex discente surda do supracitado curso e o seu TILS.

Para essa finalidade, a partir da análise de conteúdo, será discutido as três seguintes categorias: (1) Dissertações referentes a inclusão de discentes surdos no Ensino Superior; (2) A entrevista com o Tradutor Intérprete de Libras; (3) A entrevista com a discente surda.

4.1 DISSERTAÇÕES REFERENTES A INCLUSÃO DE DISCENTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR

O processo inclusivo do estudante surdo no âmbito da educação seguiu a passos lentos, entretanto nos últimos anos algumas pesquisas vêm sendo desenvolvidas afim de atender as necessidades desse público por meio de metodologias inclusivas na área das Ciências da Natureza. O **quadro 1** apresentado, contém Dissertações realizadas na área em questão, que trata sobre o tema da surdez nos últimos 4 anos.

No início deste projeto, um dos objetivos era reunir dissertações e teses que contemplassem metodologias inclusivas na área da Biologia para discentes surdos no âmbito da graduação, no período entre os anos de 2019 à 2023, no entanto, nenhuma tese foi encontrada dentro do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes que se encaixassem nos critérios mencionados, resolvemos, então, expandir as buscas para trabalhos dentro das Ciências da Natureza, e quatro dissertações foram encontradas e foram apresentadas no **quadro 1**.

A dissertação 1 trás uma proposta semelhante a realizada neste trabalho, por meio da entrevista semiestruturada realizada com o corpo docente de um programa de pós-graduação, a primeira estudante surda desse programa, seu TILS, a monitora e uma representante do programa de acessibilidade da instituição, a autora objetivou, com esse trabalho, identificar as ações que já existiam em uma universidade pública e as que foram implementadas para incluir uma mestrandia Surda no programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática. O trabalho constatou a importância dos

recursos visuais para a acessibilidade da discente Surda, sendo essa ação realizada tanto pelos docentes quanto pela monitora, em contrapartida, evidenciou a ausência de materiais didáticos inclusivos para esse público, além da falta de TILS o que sobrecarregava o único intérprete da discente.

O TILS precisa estar presente em praticamente todas as atividades acadêmicas do estudante surdo, além da sala de aula, nas aulas práticas e monitorias por exemplo, de acordo com Alecanstro e Ponte (2017), esses profissionais estão inseridos em uma dinâmica de trabalho que pode gerar uma sobrecarga física, devido a repetição de movimentos e precisão dos mesmos podendo ocasionar Lesões por Esforço Repetitivo (LER) ou Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (DORT), além da exaustão mental, devido, entre outros fatores, a quantidade de palavras traduzidas para a Libras, que na pós graduação, nem sempre são conhecidas pelo TILS por sua especificidade. Como produto de sua dissertação, Adrielly Antonio Santos, autora da dissertação 1, produziu um Guia-Didático Pedagógico, contendo ações que uma instituição de ensino deve desenvolver ao receber estudantes Surdos.

A dissertação 2 de autoria de Kamilla Fonseca Lemes Garcia, avaliou o uso de recursos audiovisuais, por meio de vídeos acessíveis em Libras, trabalhando o tema “radiações e suas relações com a saúde humana” em uma abordagem Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente, foi aplicado em sequências de atividades com utilização de vídeos e videoaulas acessíveis em Libras e com legenda, aplicados em aulas remotas, síncronas e assíncronas na perspectiva de um curso de extensão para Surdos e ouvintes, esse material gerou um produto educacional inclusivo para os Surdos. A autora concluiu que essa sequência que faz uso de recurso audiovisual acessível, e aplicada em parceria com um TILS, oportuniza o conhecimento científico, tecnológico, social e ambiental de forma igualitária e com liberdade de diálogo.

De acordo com Gutierrez (2018), o audiovisual tem se mostrado um importante aporte para a educação de surdos, por se apoiar em uma característica visual, principal elemento de percepção do mundo pelo indivíduo surdo. Esse recurso por unir o visual com o áudio e a Libras, permite maior interação entre surdos e ouvintes, Pereira, Barbosa e Rezende Filho (2019) argumentam que a dificuldade de comunicação do estudante surdo no meio escolar, frequentemente o leva a um processo de exclusão, e compreendem que um fazer pedagógico com o olhar voltado as necessidades do surdo a partir de abordagens essencialmente imagéticas, pode abrir a esses sujeitos além das possibilidades de aprendizado, a possibilidade de relacionamentos mais igualitários com seus pares.

Na dissertação 3 foi realizado uma pesquisa de caráter exploratório, que objetivou identificar os motivos que ocasionaram o ingresso, curso e conclusão dos surdos nas licenciaturas de química, matemática e física. Ao todo foram entrevistados quatro surdos, dois que concluíram seu curso e dois que ainda estavam em processo de formação, a autora observou que haviam algumas semelhanças entre eles, mesmo que tenham passado por vivências únicas, e entre elas estava a falta de professores capacitados.

O trabalho de Karianny Aparecida Gerotto Del Mouro (dissertação 3) proporcionou um material que corrobora com as discussões a cerca da inclusão de surdos nas graduações, assumindo importante papel como instrumento de pesquisa para futuros trabalhos acadêmicos, além de buscar propostas que preparem os docentes para trabalharem com educação bilíngue.

A quarta dissertação, autoria de Taise Gomes dos Santos Cá, teve por objetivo o desenvolvimento de uma proposta de organização de um glossário bilíngue (Língua Portuguesa e Libras) com enfoque na Botânica em nível de ensino superior. A produção do glossário teve contribuição de acadêmicos surdos e ouvintes, TILS e docentes do componente curricular em evidência, a autora conclui afirmando que esse instrumento favorece o acesso dos surdos a conhecimentos específicos, cujos os sinais ainda não foram criados.

Cá e Pavão (2022) argumentam, que a entrada dos surdos no ensino superior possibilitada pelas legislações que tratam da inclusão, vem trazendo desafios a esse público, no que tange ao aumento do repertório linguístico, e o contato com termos ainda desconhecidos pelos TILS em língua de sinais, ou que ainda não existem em Libras. A criação de glossários possibilita assim, a difusão de informações que ajudam a enriquecer o vocabulário da Libras, corroborando com o processo de inclusão e permanência dos surdos nas graduações.

As quatro dissertações utilizaram-se de instrumentos metodológicos distintos, no entanto, todas tem em comum a pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995) esse tipo de pesquisa permite a melhor compreensão de um fenômeno, pois analisa-o no contexto em que ocorre e do qual é parte, a partir de uma perspectiva integrada, assim, o pesquisador vai a campo em busca de captar o fenômeno em estudo de acordo com a perspectiva das pessoas nele envolvidas, considera-se então, vários pontos de vistas e vários dados são coletados e analisados para melhor entendimento do fenômeno.

Todas as dissertações estudavam o mesmo fenômeno, a inclusão de surdos em instituições acadêmicas, e mesmo que utilizassem instrumentos diferentes, trouxeram em

comum, como um dos resultados, a falta de material didático bilíngue para o surdo, sendo este o principal fator que dificulta o percurso acadêmico desse público. Os trabalhos ainda se assemelham ao buscar e confeccionar produtos que contribuam para o processo de inclusão acadêmicas da comunidade surda.

Outro ponto importante é que todos os trabalhos foram de autoria feminina, evidenciando a crescente entrada de mulheres nas pós-graduações em Ciência, como aponta o Censo da Educação Superior (2021), as mulheres são mais frequentes em 15 dos 20 cursos analisados de IES brasileiras, se caracterizando como um avanço nas buscas por igualdade de gênero no país.

4.2 A ENTREVISTA COM O TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS

4.2.1 As atribuições do TILS dentro da graduação de Biologia

O TILS responsável por acompanhar a discente surda durante a graduação, além de Tradutor Intérprete de Libras, é graduado em Geografia e Pedagogia e no momento realiza mestrado. De acordo com o Código de Conduta Ética da Febrapils (2014) é função do TILS traduzir e/ou interpretar de uma língua de sinais para outra, ou para a língua oral, ou vice-versa, seja qual for a modalidade em que se apresente. O Código também aborda a importância desse profissional adequar-se ao trabalho que irá realizar, ocasiões distintas demandam diferentes ações ao TILS.

Afim de se compreender melhor sobre o trabalho desse profissional no campo educacional e a sua influência na permanência de uma discente surda no curso de Biologia e na conclusão do ensino superior, iniciamos a entrevista indagando-o sobre quais são as principais atribuições do TILS dentro da graduação, assim ele discorreu:

Dentro da graduação o tradutor intérprete de libras ele tem que traduzir e interpretar nos ambientes de aula, seja a sala de aula, aulas de campo ou laboratório. Ele tem que traduzir tudo o que o aluno recebe, ou seja, textos, atividades, se o professor marcar para o aluno ter um momento com o monitor, o intérprete tem que está presente, ou então uma aula extra com o professor, um horário do contra turno daquele momento ali da aula[...]. (TILS – entrevista, 2023).

O TILS pode atuar em contextos distintos, sendo uma profissão com variadas possibilidades, a área educacional, no entanto, se difere pela demanda pedagógica e

diversidade de ambientes educacionais (PEREIRA; FREITA-REIS, 2023). Pela fala do TILS entrevistado constatamos essa pluralidade de ambientes que o mesmo está presente dentro do contexto educacional em uma IES, onde o trabalho do intérprete não se limita apenas a sala de aula, mas a todo ambiente educativo, traduzindo e interpretando falas, textos e contextos.

A Biologia é uma Ciência ampla e interdisciplinar, que transita pela Física, a Química, a Matemática e até mesmo a Geografia, possui, também, nomenclaturas e termos pouco utilizados por quem não é da área, muitos deles desconhecidos da população geral, até mesmo de acadêmicos de outros cursos e esse é um dos desafios enfrentado pelos TILS. Buscamos, então, compreender como se dava o processo de tradução para a Libras daqueles termos cujo o sinal não existia ou não era do conhecimento do intérprete, que comentou:

[...] no meio acadêmico para a maioria dos termos não existe sinal. Como é que a gente faz? A gente pesquisa no momento da aula, ou acaba fazendo a datilologia do termo e no transcorrer da aula a gente vai tentando contextualizar [...]. (TILS-entrevista, 2023).

Castro Júnior e colaboradores (2023) definem a datilologia como o alfabeto manual usado para expressar nomes de pessoas, locais, termos de outras línguas e aqueles que não apresentam um sinal-termo correspondente em Libras. A datilologia no diálogo em Libras é basicamente o soletrar da palavra cujo o sinal não seja de conhecimento dos interlocutores. A ausência de sinais para diversos termos do meio acadêmico e, especificamente, da área das Ciências Biológicas, foi um dos grandes desafios enfrentados pelo TILS e a discente a qual acompanhou. Para contornar essas dificuldades e proporcionar a discente a plena compreensão dos assuntos abordados em aula, o TILS relata sobre as pesquisas que realizava em parceria com a mesma e em último caso a criação de sinais temporários. Nas palavras do TILS:

[...]Por que pesquisar junto com o surdo esses termos? Porque uma coisa é você ouvinte criar um sinal e gravar, outra coisa é o surdo. O surdo se identifica com o sinal criado pelo surdo e não pelo ouvinte, porque o ouvinte sempre vai tender levar essa contextualização para o português e está errado, ele tem que contextualizar dentro do âmbito da língua de sinais, que é diferente [...], o nosso olhar é diferente do olhar do surdo, a nossa forma de enxergar é diferente dele. Então a gente sempre procurava os sinais e eu fazia sempre isso junto com ela, porque

ela que escolhia o sinal. Mas ocorre das vezes ali no momento da aula, pra gente não tá repetindo um termo direto, ocorre de criarmos um sinal provisório, isso é permitido, você cria um sinal provisório, depois você senta com o surdo e vão estudar pra ver um sinal, se existe algum sinal, se não existe criar. (TILS-entrevista, 2023).

A fala do TILS nos remete a importância do respeito a cultura surda, considerando a Libras como sua primeira língua. A Libras é o meio reconhecido por lei de comunicação e expressão da pessoa surda brasileira, possibilitando a troca de conhecimentos por meio de narrativas em Libras, criadas e registradas pelos próprios surdos que possui como uns dos objetivos a difusão de sua língua, identidade e cultura (CAMPELLO, 2016).

O processo de criação de sinais deve então respeitar essa cultura, não podendo ser realizado sem o surdo. De acordo com Vivian e Leonel (2021) a Libras, a visualidade e a cultura surda constituem os principais instrumentos de comunicação do surdo, devendo ser privilegiados em sua educação. Os depoimentos do TILS, nos chama atenção para a necessidade da criação de sinais em Libras que contemplem os diversos termos acadêmicos, em especial os de Biologia, reforçando também, a importância de se ter profissionais nas mais diversas áreas do conhecimento com domínio em língua de sinais e da necessidade de ampliação do acesso ao surdo nos mais diversos campos educacionais.

4.2.2 A interação entre o professor e o TILS

A atuação do TILS no contexto educacional está estritamente relacionada ao processo de ensino do estudante surdo em parceria com o professor, tanto para acessibilidade linguística, como enquanto participante ativo do processo de educação desses alunos (GIAMLOURENÇO; LACERDA, 2021). O professor é o mediador da aprendizagem, cabendo ao mesmo contribuir e adequar-se para que o processo educativo/formativo se concretize.

A presença de um estudante surdo, traz uma nova dinâmica a sala de aula, uma vez que na maioria das vezes esta é constituída por indivíduos ouvintes. De acordo com Cezar e Fischer (2020) além da comunidade acadêmica não estar preparada para a perspectiva bilíngue para surdos, poucos são os materiais e docentes fluentes em Libras. Considerando tantos obstáculos para a formação do sujeito surdo, buscamos compreender

como os docentes do curso de Biologia da UEPB contribuíram para a formação da primeira discente surda do curso na instituição, nas palavras do TILS:

Sim, é importante a contribuição do professor, dentro do próprio código de ética do tradutor intérprete tem isso, as aulas, quando existe um surdo, ela tem que ser planejada junto com o intérprete [...]. Dizer que isso aconteceu na Biologia, aconteceu em alguns casos [...]na sua totalidade não, mas vamos dizer 80% dos professores na Biologia eles estavam sempre abertos, sempre disponíveis pra discutir alguma adequação tanto de conteúdo quanto de prova[...] toda vez que entrava um professor, tinha mudança de disciplina eu já conversava com o professor que ali tinha uma aluna surda, explicar como é que se trabalha com um aluno surdo, fazer todo aquele trabalho de abordagem e explicar pra ele, porque para o professor é um impacto receber um aluno surdo numa sala de aula, principalmente na Universidade que ainda são poucos e no curso de Biologia Maria foi a primeira. (TILS-entrevista, 2023).

A inclusão da pessoa surda no ensino regular é relativamente recente, o retrocesso advindo do Congresso de Milão foi um dos grandes fatores que levaram ao atraso das políticas que valorizassem a cultura surda, respeitando e incluindo essa população, o que resultou também no baixo incentivo ao conhecimento da Libras pela população geral. Atualmente poucos são os docentes que possuem o conhecimento em Libras no Brasil, na UEPB não é diferente, o que explica a fala do TILS ao dizer “[...] para o professor é um impacto receber um aluno surdo numa sala de aula, principalmente na Universidade [...]”.

Um aluno atípico traz uma nova configuração a maneira de lecionar, nas palavras de Silva (2018) para que haja a inclusão destes alunos é necessária uma adaptação curricular que vá de encontro as suas necessidades, com métodos e técnicas adequadas para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno surdo, levando em consideração suas especificidades. De acordo com o que relatou o TILS poucos foram os momentos em que o professor se reuniu previamente com o intérprete para planejar as aulas, de forma que atendessem também as especificidades da discente surda como prevê o ‘Código de Ética do Tradutor Intérprete, porém o TILS também recorda a preocupação de boa parte dos docentes do curso de Biologia em adequar suas aulas e atividades para a discente:

[...] muitos deles chegavam e ó “fiz assim dessa forma, dá certo? O que você acha? Me diga ai como eu devo fazer”. Então existia muito isso, sabe? Essa relação, não da forma que prevê da gente

sentar e fazer o planejamento, não, mas os professores sempre tinham essa abertura comigo. (TILS-entrevista, 2023).

A entrada de Maria no curso de Biologia trouxe uma nova realidade aos docentes do curso, que precisaram adequar suas metodologias para melhor atendê-la. Perguntamos então ao TILS quais exemplos de colaborações professor-tradutor intérprete de Libras ele poderia citar que influenciaram positivamente no desenvolvimento da discente surda no curso; além de citar diversos professores que tiveram um olhar acolhedor para com a discente, nos relatou um exemplo de uma professora substituta de Citologia, o TILS discorre:

[...]ela fazia assim, ela dava aula e no mesmo dia da aula ela tinha outra aula com a monitora, que também assistia a aula, era do curso de Enfermagem, vinha lá de Enfermagem, assistia a aula que Maria assistia também. Ela sentava ela e a monitora, planejava junto, a professora que dizia: “olha, você vai trabalhar isso e isso aqui, eu preciso disso aqui com ela”, os requisitos básicos para a disciplina, ela trabalhava hoje e na quarta e sexta trabalhava de novo e já aplicava avaliação, então ela era avaliada semana por semana, foi como ela aprendeu[...]. (TILS-entrevista, 2023).

Como aqui já discutido, a primeira língua do surdo é a Libras, mesmo com o TILS fazendo a interpretação e tradução do que está sendo dito em sala de aula, a ausência de materiais didáticos adaptados em Libras dificulta a leitura e compreensão do indivíduo surdo que possui o português como segunda língua no Brasil, além disso, há toda a questão das nomenclaturas que não possuem sinais em Libras, o que requer uma maior atenção para garantir a compreensão e o aprendizado do estudante surdo.

Vigotsky (1983, traduzido em 2022) aborda que o princípio e o mecanismo psicológico da educação de surdos e cegos são os mesmos que no indivíduo típico, e que toda particularidade em sua educação se limita, apenas, à substituição de uma das vias de percepção por outras (no caso do surdo, a troca da audição pela visão) para a formação das ligações condicionadas, que irão proporcionar o conhecimento. Vigotsky foi revolucionário na área da Pedagogia e Psicologia, pois em uma época em que pouco se conhecia sobre o processo de desenvolvimento e aprendizagem de crianças típicas e atípicas, ele descreveu os processos que medeiam o conhecimento, que são ainda hoje referências no campo educacional.

Assim como o ouvinte, o surdo consegue desenvolver-se cognitivamente de forma plena, porém, necessita que o ensino respeite sua língua e sua cultura. O TILS recorda

que Maria havia reprovado inicialmente a disciplina de Citologia, anteriormente ministrada por outro professor, que se aposentou antes do término do período, ele discorre:

[...] na disciplina anterior ela não aprendeu nada, não tinha como aprender, porque ele não estava nem ai pra ela, com o surdo a gente tem que trabalhar, a gente diz assim, tem que mastigar o conteúdo, tem que esmiuçar, você está trabalhando um tipo de célula, você trabalha esse tipo de célula a semana todinha, ela vai entender, ela vai conseguir aprender aquilo ali[...]. (TILS-entrevista, 2023).

O processo de ensino seja de um aluno típico ou atípico precisa do envolvimento de diversos profissionais, não é trabalho apenas do professor, e no caso do estudante surdo, do TILS, necessita do apoio de toda instituição para inclusão plena do estudante. Nos relatos do TILS outro componente importante para o processo de formação de Maria foi a monitora, o monitor é um discente que já cursou a disciplina e por meio de um processo seletivo é selecionado para auxiliar o professor de determinado componente curricular no processo de aprendizado dos alunos, ele recorda o quanto a monitoria foi relevante para o desenvolvimento de Maria no curso. Em contrapartida, quando os agentes que fazem parte da instituição de ensino negligenciam o aluno, são colocados obstáculos ao processo de inclusão

4.2.3 Desafios do TILS nas aulas de Biologia

Além do caso do professor mencionado, o TILS relembra como era a turma de Maria:

[...] quando o surdo geralmente entra na Universidade, isso aconteceu com Maria, eles ficam impactados, porque eles não se sentem recebidos, tanto pela instituição e principalmente pelos seus pares e a turma de Maria uma negação, não recebeu ela de forma alguma, assim, contato e tal, algumas pessoas ajudavam, mas aquela coisa de abraçar o seu colega, de está ali com ela, de está dividindo um trabalho, não existia [...]. (TILS-entrevista, 2023).

Souza et al. (2021) discorrem que com a promulgação da Lei da Libras de 2022, ocorreu uma maior divulgação do ensino de Libras e do respeito a surdez, no entanto, quando se trata da garantia da aprendizagem escolar e participação social com equidade isto está muito aquém, uma vez que poucos ouvintes conhecem a Libras e nas instituições

de ensino a cultura dominante é a ouvinte e nela a cultura surda acaba silenciada, invisível. A solidão da discente surda foi um dos obstáculos que o TILS precisou enfrentar junto com a mesma, além disso, a Pandemia da Covid-19 durante os anos de 2020 à 2022 teve grande impacto na adaptação da discente. TILS discorre:

[...] houve muita quebra né? Porque Maria pegou um período de greve na Universidade, depois teve a pandemia e depois no final ela adoeceu, né? Teve a questão da depressão. Isso mexeu muito porque a gente começava um trabalho, eu comecei um trabalho com Maria de reconquistá-la de trazê-la para o curso[...]. (TILS-entrevista, 2023).

A rejeição da turma, as dificuldades com o ensino remoto, a solidão, foram combustíveis para o adoecimento de Maria. Ribeiro, Castro e Abreu (2020) argumentam que as dificuldades enfrentadas pelos surdos na comunicação representam importante fator para redução da qualidade de vida, expondo os indivíduos surdos ao risco de doenças mentais, como a depressão e a ansiedade. Compreendemos com esse relato o quanto a inclusão precisa ser plena, não dependendo apenas do professor, mas de toda a comunidade acadêmica.

Adolescentes e crianças tendem a excluir quem é atípico, entretanto, no caso de Maria, seus colegas eram licenciandos, o que nos leva a refletir sobre a importância de trabalhar a educação inclusiva durante a graduação. Segundo Souza et al. (2021) o surdo por vezes é visto por suas limitações e não por suas potencialidades, falta formação docente inclusiva que ensine aos futuros professores como respeitar, adaptar e incluir.

Ao ser indagado sobre os maiores desafios enfrentados como TILS durante o percurso acadêmico da discente surda, ele relata:

O maior desafio foi a própria aluna, por essa questão da identidade, não a identidade surda, dela se identificar e se aceitar como surda, isso aí não, mas dela se enxergar no âmbito do trabalho de um universo que ela possa contribuir [...]. (TILS-entrevista, 2023).

As inquietações da discente sobre o mercado de trabalho é um retrato da falha do processo de inclusão no Brasil, Zalasik e Budde (2021) afirmam que por mais que existam legislações que garantem os direitos dos surdos de ingressar no mercado de trabalho, na prática, muitas vezes elas não são cumpridas, trata-se da contratação do surdo como uma

obrigatoriedade, deixando de propiciar as condições adequadas para o trabalho e de aproveitar as suas potencialidades.

De acordo com o TILS, as angústias de Maria foram diminuindo quando ela começou a trabalhar, já no final do curso, na Escola Estadual de Audiocomunicação Demóstenes Cunha Lima -EDAC. A EDAC é uma das três instituições de ensino regular mais importantes no que se refere ao ensino de pessoas surdas mediante o ensino de Libras na Paraíba (SABINO, 2017), Maria ainda na graduação se tornou uma das professoras dessa instituição, com isso, segundo o TILS:

[...] ela veio melhorar mais, acho que quase da metade do curso para frente, ela veio melhorar mais, e no final melhorou porque como professora ela amadureceu mais um pouco[...]. (TILS-entrevista, 2023).

Reafirmar que o surdo tem seu lugar de direito e tem a capacidade de assumir as profissões a qual se prepara durante a graduação é fundamental.

[...] nós como educadores de surdos, sempre passamos pra eles, que eles devem ocupar o espaço deles, o educador do aluno surdo deve ser o professor surdo, não obrigatoriamente que seja, mas é o ideal, porque você está trabalhando com sua própria cultura, com pessoas que tem sua mesma identidade, então ela com o domínio da Biologia ela vai poder trabalhar melhor o conteúdo com aquele aluno surdo, porque ela ver como ele, enxerga como ele e o processo de aquisição dele foi como o dela também, provavelmente de uma boa parte deles[...]. Então é isso que a gente tenta passar pra eles, só que eles são muito imediatistas, querem terminar um curso dentro de 3 anos, 2 anos e já ir para o mercado de trabalho, entendeu? Eles querem dinheiro logo, de imediato, quem é que não quer dinheiro, né? Mas muitas vezes a gente tem esse problema dela parar e dela refletir, né? É o espaço dela, onde era que estava o espaço dela? Onde ela se encontrava? Qual espaço ela deveria ocupar? Ai essa ida para a EDAC foi importante (TILS-entrevista, 2023).

Os relatos do TILS sobre sua vivência e acompanhamento da discente surda durante sua graduação no curso de Licenciatura em Biologia, abre o debate para a importância da inclusão, de se dar oportunidade ao surdo nas instituições de ensino e no mercado de trabalho, como já citado por Vigotsky (1983) o surdo tem a mesma capacidade cognitiva de uma pessoa ouvinte, o que muda é a forma com que eles se comunicam e conseqüentemente a forma que aprendem.

4.3 A ENTREVISTA COM A DISCENTE SURDA

4.3.1 A entrada da discente surda na universidade

De acordo com Bruno (2011) a democratização da educação superior no Brasil apresenta dois desafios, sendo eles, a garantia do acesso e a promoção da aprendizagem para a permanência de pessoas surdas. As pesquisas sobre o ingresso e permanência de indivíduos surdos no ensino superior ainda são escassas, nos relatos do TILS, neste trabalho já discutidos, o mesmo afirma que no curso de Biologia da UEPB Maria foi a primeira surda a concluí-lo.

Maria é surda, fluente em Libras e tem o português como segunda língua, é bióloga licenciada pela UEPB, entrou no curso em 2016 e concluiu a graduação em 2022, atualmente a mesma realiza Especialização em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva ofertada por mesma instituição. Buscamos compreender ao entrevistar a discente, como se deu sua trajetória no curso, iniciando pela entrada na graduação, os relatos da discente foram coletados a partir da interpretação e tradução de seu TILS, da Libras para o português, de acordo com Maria:

Eu fiz o ENEM, coloquei como primeira opção Veterinária e na segunda Biologia, eu fui chamada, passei para UEPB lá em João Pessoa, comecei a estudar lá, e aí fui desenvolvendo e não tinha intérprete, nada de intérprete, eu fiquei esperando quase um mês e nada de resolver, aí mamãe começou a lutar, queria processar, foi com advogado e queria processar solicitando intérprete [...]. (MARIA-entrevista, 2023).

O ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio, é a prova que permite com que pessoas de todo o Brasil e até mesmo fora dele concorram a vagas nos mais diversos cursos de graduação das Universidades Públicas do país, a prova possui adaptações para candidatos surdos e com outras particularidades. Maria foi selecionada para o curso que almejava (Veterinária) e na sua cidade de residência (João Pessoa-PB), porém, não encontrou no curso a acessibilidade que lhe é devida por Leis.

Maria sabe ler e escrever em português, mas esta é sua segunda língua, e considerando que durante as aulas o professor e a turma ouvinte usa-se principalmente da comunicação oral, a falta de um TILS teve um grande peso para a discente. Paiva e Melo

(2021) argumentam que o conhecimento é constituído pela linguagem, e afirmam a importância de discutir sobre o direito linguístico, que se apresenta como aspecto fundamental para a inclusão dos surdos no Ensino Superior.

A experiência educacional de surdos tanto no ensino médio quanto no superior, vem sendo acompanhada de frustrações, devido à ausência da satisfação das necessidades específicas desses estudantes nesses níveis de ensino, bem como pela falta de uma proposta bilíngue na educação (BRUNO, 2011).

A constituição de um ambiente bilíngue para os surdos prevê a livre circulação dos seus saberes por meio da língua de sinais e do português escrito como segunda língua, na presença de professores não fluentes em Libras, faz-se necessária a figura do TILS como intermediador do processo de comunicação (PAIVA; MELO, 2021). No entanto, devido a não resolução da problemática na instituição citada pela discente, a mesma conseguiu ser transferida para o curso de Biologia na UEPB de Campina Grande-PB que contava com profissionais TILS, Maria discorre:

[...] aí Campina Grande, aqui consegui um intérprete, consegui fazer essa mudança pra cá, Eduardo que resolveu tudo e me trouxe para cá, para estudar aqui, então até a minha formação eu fiquei aqui, me formei no ano passado. (MARIA-entrevista, 2023).

A falta de adequações que proporcionasse acessibilidade na IES anterior, levou a discente a abandonar o curso que mais almejava e a cidade de sua família (João Pessoa). Na UEPB de Campina Grande-PB não é ofertado o curso de Veterinária, por isso, Maria foi inserida a sua segunda opção de curso, a Biologia.

4.3.2 Dificuldades encontradas pela discente surda

Além dos obstáculos com a entrada na graduação, mesmo com a presença do TILS no curso de Biologia, a discente enfrentou outros desafios ao longo de sua formação, alguns inerentes a maioria dos discentes, que são as dificuldades em certas disciplinas, a mesma discorre:

Eu senti mais difícil foi em Genética e nos laboratórios e outras disciplinas mais específicas, agora assim, teve outras que eu amei demais, amei demais, sempre com o professor e intérprete e era muito difícil, a gente tentava, tentava ia conseguindo pouco e aí

depois isso foi melhorando, mas a que eu senti mais dificuldade de todas foi Genética e Biofísica também. (MARIA-entrevista, 2023).

Silva e Kalhil (2017) em seu estudo que analisa a aprendizagem de Genética a luz da teoria fundamentada, a partir de um recorte de uma pesquisa anterior realizada em um curso de Biologia do estado do Amazonas, apontaram que a grande maioria dos alunos do curso em questão não conseguiam relacionar, interpretar, analisar, discutir e recriar o conhecimento genético, condição esta que se perpetuava por longos anos, com altos níveis de repetências e reprovações. Constatamos, então, que a dificuldade da discente entrevistada não é um caso isolado, no entanto, em nossa análise por meio das entrevistas, evidenciamos que alguns fatores contribuíram para esse fato:

Teve algumas dificuldades sim, por exemplo, adequação do material para o surdo, material didático não tem, era muito aquela relação com o professor e as vezes alguns professores não aceitavam, isso é sofrimento para o surdo, existe uma preocupação, alguns professores ajudam e se preocupam, outros não, isso é uma barreira que existe ainda[...]. (MARIA-entrevista, 2023).

A falta de material didático adaptado para o surdo e em alguns casos, como relatado pela discente, a falta de atenção de professores para com suas necessidades específicas, aumentaram as barreiras da mesma para a compreensão de determinadas disciplinas como a Genética. Maria continua sua fala:

[...] por exemplo, Genética, eu pedia ajuda, pedia adequação, mas o material era muito profundo, era muito complicado, isso foi um problema, eu não sentia ajuda[...]. (MARIA-entrevista, 2023).

Richartz e Oliveira (2021) lembram que a legislação atual é clara sobre a necessidade da inclusão de surdos, no entanto a maior dificuldade para este processo é o próprio professor, os autores afirmam que grande parte desses profissionais não estão preparados para lidar com alunos surdos, e ressaltam a importância de debruçar-se sobre as singularidades de cada sujeito, além da Libras que já é um direito, buscar alternativas metodológicas para que o indivíduo aprenda. A discente conclui esse relato com uma preocupação:

[...] não houve uma empatia por parte do professor, especialmente o professor, então eu fico pensando no futuro, como é que vai ser, isso pode ser no futuro com outras pessoas também, com outros surdos também. (MARIA-entrevista, 2023).

Maria foi a primeira discente surda a concluir o supracitado curso na UEPB de Campina Grande, o que pode explicar a falta de conhecimento de alguns docentes do curso para atender estudantes surdos, no entanto, como Paiva e Melo (2021) relembram, a pessoa com necessidades especiais, tem o direito a educação por meio de sistemas educacionais inclusivos segundo suas particularidades, interesses e necessidades de aprendizagem. Nessa perspectiva chama-se a atenção, então, para a importância da formação continuada no meio docente e para uma reconfiguração dos currículos de licenciatura.

De acordo com Martins, Antunes e Monteiro (2019), nos currículos de licenciaturas das IES brasileiras, pouco se tem voltado para a temática da inclusão escolar/acadêmica, esse fato, tem como consequência a imersão de professores no mercado de trabalho despreparados para o contexto inclusivo, pressionando-os, então, a continuar investindo em capacitação.

Devido ao relativo baixo ingresso de surdos nas IES, muitos docentes universitários não sentem a necessidade de se capacitar para atender a esse público. A discente e seu TILS, no entanto, em nenhum momento relataram que algum professor do curso de Biologia tinha formação em Libras ou conhecia metodologias adequadas para ensinar ao surdo, mas em sua maioria se esforçaram para compreender sua realidade e adaptar-se para atendê-la da melhor forma possível, e para isso é necessário ter em mente o que é ser professor, e compreender que mesmo no ensino superior é preciso agir com equidade para com as diferenças.

4.3.3 Mediação no processo de ensino e aprendizagem com o discente surdo

Considerando a Universidade como ambiente inclusivo, o bilinguismo em sua essência não se aplica, pois a maioria dos docentes não são surdos e o ensino depende de intérpretes, assim, cabe a instituição buscar metodologias que contemplem as necessidades de seus discentes (MARTINS; PIEMONTE, 2020).

Como já relatado, muitos foram os professores que se adaptaram para atender as especificidades de Maria como discente surda, essas adaptações foram fundamentais para

que a mesma conseguisse concluir sua graduação e torna-se licenciada em Biologia. Além disso, alguns componentes curriculares por sua essência mais interpretativa e visual também facilitaram o processo de assimilação e aprendizado da discente, que discorre:

A mais fácil foi Anatomia, a segunda foi Biologia Molecular, teve outras, agora a mais fácil pra mim foi anatomia, agora as que tinha biologia com cálculo, Física, Biofísica, Bioquímica era difícil, mas as que eram mais contextualizadas no português, ou seja, não precisa de cálculo, era só interpretação facilitava muito, principalmente aquelas disciplinas que tinha muita imagem, Zoologia, por exemplo, mostrava os animais, o tubarão, Bioética, a de Meio Ambiente, aquelas que também trabalhava a parte de estruturas ósseas dos animais, como também a humana (MARIA-entrevista, 2023).

De acordo com Souza et al. (2021) ensinar ao surdo exigem mudanças metodológicas que considerem seu modo viso/gestual de compreender e ler o mundo. As disciplinas de Zoologia e Anatomia Humana citadas pela discente, em sua essência são disciplinas muito visuais, considerando que em grande parte estas têm por objetivo o conhecimento sobre as características e nomenclatura das estruturas anatômicas de animais e humanos respectivamente. Além disso, a presença de peças anatômicas humanas e animais na instituição favorecem a prática pedagógica de maneira mais inclusiva.

O apoio direto e em conjunto do professor e monitores também foram importantes para o sucesso da discente:

Eu estudava com o professor e muitas vezes eu tinha o monitor, por exemplo, Aline ela explicava, sempre a gente tinha aula com ela, com Simão eles explicavam detalhe por detalhe, e muito contextualizado com imagem, então isso ajudou muito meu aprendizado, eu consegui aprender, teve outros professores também que me ajudaram, os que tinham monitores ajudavam muito, tinha os monitores que eram muito esforçados, traziam as aulas no powerpoint e iam passando para mim, era muito bom [...] (MARIA-entrevista, 2023).

A discente apresentou o quanto as imagens são importantes para sua compreensão dos conteúdos, Silva (2018) aborda que o docente precisa de forma simplificada e contextualizada considerar as experiências visuais dos discentes surdos como principal canais de aquisição dos conteúdos. Ao compreenderem essa relação, professores e

monitores citados por Maria, bem como outros ao longo de sua graduação, preparavam materiais, seja na forma de slides ou apresentando peças anatômicas, que melhor exemplificavam aquele conteúdo, permitindo a discente o entendimento das disciplinas.

Além do trabalho docente, Maria citou a influência dos monitores no seu processo de formação, de acordo com Frison (2016) o trabalho realizado em parceria entre docente e estudante ou entre os próprios discentes, ganha força, principalmente no que diz respeito a monitoria, seu modelo relacional e interativo pode estimular de forma mais efetiva o desenvolvimento das capacidades cognitivas. Os monitores também se beneficiam da prática pedagógica de monitoria, pois adquirem experiências, enriquecem seu currículo e ganham oportunidades de aprendizado e de vivências importantes.

Levando em consideração que o docente possui diversas turmas, além de desenvolver pesquisas e outros trabalhos na Universidade, os monitores tornam-se importantes para o auxílio estudantil e docente no meio acadêmico. A monitoria tem respaldo da lei, é prevista nos projetos pedagógicos das instituições e podem potencializar a melhoria do ensino, com a atuação de monitores em práticas pedagógicas e disciplinas que permitam articulação entre teoria e prática, além de oportunizar ao graduando atitudes autônomas e investimento na sua formação (FRISON, 2016).

4.3.4 A participação da discente surda em projetos na universidade

A Universidade Pública como a UEPB, é sustentada por meio de recursos estaduais e federais, advindos dos impostos, sendo assim, uma das preocupações dessas IES é o desenvolvimento de projetos e produtos que beneficiem a curto e/ou longo prazo a sociedade. Nesse contexto, é comum que os discentes universitários participem durante a sua graduação de projetos de pesquisas, perguntamos, então, a Maria se ela já havia participado de algum projeto e pedimos que nos contasse suas experiências:

Sim, de Anatomia eu participei, tive uma experiência no projeto junto com a professora, com o intérprete e um outro surdo... a gente trabalhava com a criação dos sinais, a professora, por exemplo, ela mostrava e explicava por detalhe cada conteúdo da Anatomia Humana e eu ia criando os sinais e assim a gente ia trabalhando, por exemplo, o intérprete dava aula e a gente ia trabalhando, o intérprete dava opinião também e nós em conjunto a gente criava os sinais, mas tudo a professora

explicava primeiro para poder ser criado esse sinal [...] (MARIA-entrevista, 2023).

O processo de criação de sinais em Libras, se dá a partir do respeito a cultura surda, considerando-se que tais sinais são voltados a atender, principalmente, a necessidade comunicativa dos indivíduos surdos, por conseguinte, os sinais não podem ser criados sem o surdo, como o TILS discorreu em sua entrevista “[...] o surdo ele se identifica com o sinal criado pelo surdo e não pelo o ouvinte” (TILS-entrevista, 2023).

Todas as línguas de sinais tem uma estrutura gramatical própria e estudos linguísticos que fazem parte de suas composições, a criação de sinais seguem assim, de acordo com Carvalho e Santos (2021) cinco parâmetros: a configuração de mãos que é a forma que a mão assume ao realizar o sinal; o ponto de articulação que é o lugar que a mão dominante realiza o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo; a orientação, ou seja, a direção que a mão aponta; o movimento que pode ser variável ou não existir e por fim a expressão facial e/ou corporal, que auxilia na compreensão do contexto, se estar feliz, triste, com raiva, confuso etc.

O projeto de Anatomia Humana que Maria participou, teve como produto um material didático de Anatomia Humana específico para discentes surdos matriculados em cursos de graduação em Ciências Biológicas e da Saúde (MAMAN; FONSECA; RÊGO, 2021). O trabalho surgiu devido, como já relatado neste trabalho, a escassez de materiais didáticos para alunos surdos, principalmente no ensino superior, que exige um maior aprofundamento dos conteúdos.

Em Martins e Piemonte (2020) compreendemos que a oferta de atividades em uma perspectiva bilíngue que permitam um acesso a um material didático e contemple as habilidades visuais e a Libras, além da participação do surdo em produções acadêmicas científicas constitui um diferencial na educação inclusiva para esse público. Além do projeto de Anatomia, Maria também participou de um outro em Ecologia:

[...]De meio ambiente também, de Ecologia, que foi eu e um grupo de surdos e o TILS, nós trabalhamos com os sinais da Caatinga, da vegetação e também dos animais partes por partes e terminamos, criamos todos os sinais e terminamos, foi muito simples e ficou um material bom, bem resumido [...] (MARIA-entrevista, 2023).

As Leis de inclusão permitiram aos surdos alcançarem espaços que por muitos anos lhes foram negados, a entrada deles no ensino superior, trouxe, então, a necessidade

de criação de sinais específicos para as mais diversas áreas das ciências. Os surdos necessitam compor sua língua com uma riqueza que se dispersa por todo o território brasileiro (CÁ; PAVÃO, 2022).

O segundo projeto o qual Maria participou, está em processo de conclusão para a publicação, mas é interessante refletir sobre a grande contribuição que uma discente surda proporcionou ao curso de Ciências Biológicas, mesmo com o trabalho conjunto com diversos outros pesquisadores surdos e ouvintes, se não fosse a entrada de uma discente surda no curso supracitado, dificilmente os acadêmicos da instituição teriam pensado em produzir materiais tão ricos e importantes em Libras. A publicação desses materiais, permitem sua difusão não só para todo o território nacional, como para o mundo inteiro, inspirando e proporcionando materiais inclusivos para os surdos na Ciência.

4.3.5 Recomendações para inclusão de alunos surdos no ensino superior

A inclusão de surdos no ensino superior se demonstra importante não apenas para o sujeito surdo, como para a sociedade. Em Vigotsky (1983, traduzido em 2022) compreendemos que a essência psicofisiológica de formação das reações condicionadas do surdo, do cego e do sujeito típico são as mesmas, logo também, a natureza do processo educativo, portanto, assim como o ouvinte o surdo tem a mesma capacidade cognitiva, podendo contribuir tanto quanto para a sociedade.

A estudante surda participante deste estudo conseguiu concluir sua graduação, mas como aqui abordado, teve de passar por diversas dificuldades. Afim de contribuir para as discussões acerca das mudanças necessárias no ensino superior para proporcionar uma educação inclusiva para os surdos, indagamos o TILS e a discente surda sobre suas recomendações. Maria discorre:

O professor que eles tenham paciência, que eles expliquem detalhadamente, que eles tentem, que eles incentivem, que seja um trabalho entre três, professor, intérprete e aluno, que eles tenham sensibilidade, os professores, que eles apoiem o surdo, isso eu agradeceria demais se tivesse [...] (MARIA-entrevista,2023).

Conforme Santos, Duarte e Silva (2018) os professores precisam reavaliar suas práticas, afim de que as especificidades de seus alunos sejam contempladas, sendo a

formação docente algo a ser discutido, tanto na área específica, quanto para a educação inclusiva e da surdez.

Como já discutido neste trabalho, a maioria dos professores da graduação em Biologia que Maria cursou, não tinham formação para o ensino de surdos, mas aqueles que se empenharam em compreender seu processo de aprendizagem e agiram com empatia para com a discente, conseguiram fazer a diferença no seu processo de formação. Chama-se a atenção também, para a importância da oferta de educação continuada para os docentes na área da educação inclusiva, visto que a entrada de alunos atípicos nas graduações torna-se cada vez mais frequente. O Censo da Educação Superior (2021) traz um total de 63.404 alunos matriculados que declararam alguma deficiência, transtorno ou superdotação, sendo 7.910 com deficiência auditiva e 2.592 com surdez.

O apoio professor-monitor também é algo que Maria reforça como importante na graduação:

[...] Por exemplo, antes o monitor ele me ensinava, dava aula também, aí tinha o reforço do monitor e do professor, os dois, e aí eu desenvolvia melhor quando era dessa forma, sendo dessa forma, prova eu conseguia responder, porque eu tinha o apoio do monitor e do professor, sempre eu conseguia responder bem melhor e tinha notas boas, o professor e o monitor junto dando esse apoio aqui no âmbito da universidade é muito bom. (MARIA-entrevista, 2023).

Outro fator a ser considerado ao processo de inclusão de surdos no ensino superior é a adequação de material didático, o TILS discorre:

[...] uma coisa que eu já vinha trabalhando antes de vir trabalhar aqui na Universidade, da importância da adequação do material didático, porque muita gente acha que adequação para o surdo é a garantia de um intérprete em sala de aula, mas não é, não é só isso, a garantia do intérprete ela é muito importante, mas ela precisa ter também atrelado a isso um material que der apoio tanto ao aluno quanto ao intérprete [...] (TILS-entrevista, 2023).

O surdo brasileiro enfrenta particularidades na compreensão da língua portuguesa, considerando que esta é sua segunda língua, a versão escrita, devendo então seu aprendizado ser construído a partir da primeira língua que no caso é a Libras (OLIVEIRA; DIONYSIO, 2023), fazendo-se necessário, para esse fim, a presença de materiais didáticos em Libras. O discente surdo bem como qualquer outro discente, necessita de

estudos mais aprofundados através do material didático, a aprendizagem não se faz apenas na sala de aula com o professor, o processo de obtenção de conhecimentos se dá principalmente no estudo posterior a aula, através de pesquisas, consultas a artigos e livros, no entanto, a ausência de materiais de consulta em Libras, torna muito mais difícil o estudo do surdo, que necessita traduzir antes todo o material. A ausência, então, de materiais adaptados, favorece o atraso na formação dos surdos. Une-se a isso ao desconhecimento por meio da comunidade acadêmica da identidade e cultura surda:

[...] ter professores que tenham algum conhecimento na língua de sinais é importante também, porque uma coisa é você planejar sem conhecer a cultura surda, outra coisa é você planejar conhecendo a cultura e identidade surda [...] (TILS-entrevista, 2023).

De Paula (2009) argumenta que as identidades compreendem aspectos relacionais e de diferenciação, de necessidade de pertinência e autonomia, para a autora o termo ‘surdo’ é carregado de estigmas, de preconceitos, de deficiência pela sociedade, e aponta a aceitação da Libras como aceitação da identidade e cultura surda. Os Surdos sabem que não podem ouvir, mas também sabem que podem fazer qualquer outra coisa e acreditam na normalidade de ser surdo, não havendo necessidade de “consertos”, é apenas parte de quem eles são (LACERDA, 2020).

São considerados “culturalmente Surdos” na medida que se sentem à vontade com aqueles que falam a mesma língua, podendo fazer parte dessa cultura, não apenas o Surdo, mas também, parentes, vizinhos, amigos que reciprocamente ordenam sua vida em comum, enquanto o deficiente auditivo, continua imerso na cultura ouvinte e aprendem a se comunicar em português (LACERDA, 2020). O respeito a essa cultura, se faz também ao proporcionar educação de qualidade, com profissionais qualificados nas áreas requeridas, o TILS discorre:

[...] é importante que cada intérprete de cada curso ele seja da área, porque não adianta você me colocar hoje, eu sofria bastante quando misturava biofísica, bioquímica, as “bio” misturadas com alguma coisa, porque o esforço mental da gente era muito grande, porque eu sou da Geografia, da Pedagogia, mas eu estava como intérprete da Biologia [...] (TILS-entrevista, 2023).

Devido como aqui já pontuado, as diversas nomenclaturas específicas da Biologia, desconhecidas por quem não é da área, se tornava mais difícil para o TILS conseguir interpretar o que estava sendo dito pelos professores e traduzir de forma que transmitisse sentido a discente em Libras. De acordo com a Lei Brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (BRASIL, 2015), os TILS que atuarem nas salas de aula em cursos de graduação e pós-graduação deverão possuir habilitação em Tradução e Interpretação em Libras, habilitação essa que o TILS de Maria possui, no entanto, segundo o mesmo, se os TILS tiverem formação na área da graduação que irão atuar como intérpretes, a tradução e interpretação serão realizadas com mais eficácia e menos desgaste físico e mental tanto para o profissional, quanto para o discente.

O TILS finaliza a entrevista descrevendo o sentido da acessibilidade no meio acadêmico:

[...] ai você diz “mas acessibilidade em que sentido?” em você aceitar o outro, é o principal você aceitar o outro, a turma aceitar aquele aluno, a turma receber aquele aluno, o professor receber aquele aluno como aluno, não como pessoa com deficiência, mas como aluno, porque não adianta você tratar como coitadinho, mas também não adianta tratar desconsiderando a deficiência da pessoa, porque não, a gente não pode comparar e querer que seja da mesma forma a aquisição de um surdo pra um ouvinte, principalmente no âmbito acadêmico, porque nem todo surdo está no mesmo nível [...] (TILS-entrevista, 2023).

Nem todo surdo é surdo de nascença, nem todos possuem a compreensão da Libras, ou o domínio do português, cada um tem uma história distinta, o que muda a forma de trabalhar com eles. Cada indivíduo é único e suas particularidades precisam ser respeitadas, como o TILS pontua, não apenas pelo professor, mas também pelos colegas, a inclusão precisa ser plena, trabalhar a educação inclusiva nas graduações tornam-se também essenciais para garantia da acessibilidade.

O surdo no contexto ouvinte, encontra-se em uma situação desfavorável à estimulação de sua língua, o que limita o exercício pleno de sua cidadania em seu meio social, evidencia-se que embora o movimento surdo tenha se fortalecido, ainda há muito o que se aprimorar a respeito das políticas de inclusão, sobretudo no que concerne a compreensão desses sujeitos e de sua cultura (SILVA; SANTOS; ROSA, 2016).

A presença do TILS nos diversos ambientes acadêmicos permitia a comunicação de Maria durante a graduação, no entanto, a interação com os colegas de turma era mínima, sendo a única surda no curso, Maria sofreu por parte dos colegas uma certa

exclusão. Concordamos com Pedrosa (2019) ao discorrer que a busca por equidade na educação dos surdos deveria ser questão de toda uma sociedade, em especial a acadêmica, se as questões éticas não forem suficientes para o agir solidário, há ainda de se considerar as razões de eficiência.

5 A GUIA DE CONCLUSÃO

Nosso trabalho prosseguiu com o propósito de responder à questão norteadora: quais práticas inclusivas favorecem atualmente a inclusão de estudantes surdos no Ensino Superior? Para tal, o construímos em torno do objetivo principal de investigar práticas que favorecem a inclusão de estudantes surdos, desenvolvidas no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, utilizando como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada com uma ex discente surda do supracitado curso e seu TILS.

Acreditamos que essa investigação poderá corroborar com as discussões acerca dos caminhos que favoreçam a plena inclusão e desenvolvimento da pessoa surda no contexto educacional e social. Para fundamentar nossas discussões, apresentamos um recorte histórico acerca do processo de inclusão e até mesmo de exclusão do sujeito surdo, no Brasil e no mundo, com um foco nos principais eventos e leis que abordam a inclusão do indivíduo surdo na sociedade, trazendo posteriormente, afim de, restringir o foco para a principal área tratada neste trabalho (a Biologia), autores que se debruçaram nos estudos sobre práticas inclusivas dentro das Ciências Biológicas.

A revisão bibliográfica de teses e dissertações que estivessem dentro da temática estudada, nos mostrou o quanto são poucos os trabalhos desenvolvidos dentro dos mestrados e doutorados em Ciências da Natureza, especialmente a Biologia, o que evidencia a necessidade de tratar do assunto atualmente, se há poucos trabalhos, significa que poucos são os surdos dentro das graduações e pós graduações em Ciências Naturais, o que implica na necessidade do debate sobre o processo inclusivo do estudante surdo.

As entrevistas com o TILS e Maria nos proporcionaram um leque de informações e discussões valiosas. Constatamos que as principais dificuldades ao processo de inclusão, se faz na falta de material didático em Libras, a ausência de sinais para diversas nomenclaturas da Biologia, profissionais com pouca ou nenhuma instrução para o ensino de surdos, e a dificuldade de comunicação e relacionamento dos surdos com os ouvintes, levando a um processo de exclusão por meio de alguns professores e, principalmente, colegas de curso. A exclusão é uma precedente da solidão, que contribui para o processo de adoecimento do sujeito, as dificuldades encontradas levaram Maria a quadros depressivos ao longo de sua jornada acadêmica, que a mesma teve de lidar para conseguir concluir seus objetivos.

Em contrapartida, metodologias adaptadas de diversos docentes tornaram possível a formação de Maria, muitos deles utilizaram-se de recursos visuais como estratégia para o processo de ensino, as discussões pós aula para tomar nota, com professores e monitores foram fundamentais para o aprendizado da discente, e todo esse processo só foi possível, pela empatia desses profissionais e auxiliares monitores, além da mediação do TILS.

A comunicação é imprescindível para a vida em sociedade, sendo a comunidade acadêmica em sua maioria ouvinte, o TILS se fez necessário por facilitar o processo comunicativo de Maria, ter profissionais qualificados em Libras como o seu TILS, foi outro ponto discutido, este por muitas vezes também se sentiu limitado pela exaustão física e mental de seu trabalho e a ausência de mais colegas formados na área que pudessem fornecer apoio na jornada da discente.

A entrada crescente dos surdos nos mais diversos âmbitos da sociedade, exigem cada vez mais a presença de indivíduos que conheçam e se comuniquem em Libras, além do enriquecimento do vocabulário da língua de sinais brasileira, o qual Maria foi uma grande contribuidora. Os projetos os quais participou, foram capazes de gerar produtos riquíssimos para a Libras no âmbito das Ciências Biológicas e da Saúde, estes também contribuíram para a inclusão da discente surda, e para percepção de que ela pode contribuir para a sociedade, em especial, para sua comunidade.

As IES brasileiras ainda têm muito o que mudar para se tornarem verdadeiramente inclusivas, a presença dos mais variados públicos dentro de seus campus e cursos só as enriquecem, os trabalhos para fazer-se cumprir as leis e possibilitar a inclusão ganham forças com a diversidade acadêmica, discutir o processo inclusivo abre caminhos para a mudança. Produzir este trabalho nos proporcionou a compreensão das lutas da comunidade surda e um suscinto entendimento de sua cultura, esperamos com ele proporcionar a reflexão acerca de quais são os caminhos para a inclusão.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Priscilla de Oliveira Reis; PONTE, Aline Sarturi. **O impacto da atividade laboral na saúde dos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais**. II Simpósio em gestão Pública. Santa Maria -RS, 2017. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/341/2019/06/O-impacto-da-atividade-laboral-na-sade-dos-tradutores-interpretes-de-lingua-de-si.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

ALMEIDA, Wolney Gomes; SANTOS, Anabela Cruz. Educação bilíngue para surdos no Brasil e em Portugal: Uma revisão sistemática da literatura. **Revista Portuguesa de Educação**, v 35, n 2 (p. 332-355), 2022. Disponível em <http://doi.org/10.21814/rpe.21270>. Acesso em: 30 de março de 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Editora Gráfica, São Paulo: Edições 70, 2009.

BEZERRA, João Marcos Barros et al. INTERLOCUÇÕES NARRATIVAS SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE UM ALUNO SURDO NA DISCIPLINA DE BIOLOGIA. **Revista Humanidades & Inovação**. V.8, n. 37 (p.292-310), 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3241>. Acesso em: 3 de abril de 2023.

BOLZAN, Doris Pires Vargas; CUNHA, Maria Isabel da; POWACZUK, Ana Carla Hollweq. Docências e Movimentos Formativos: Desafios e Tensões nas Práticas Pedagógicas. **Revista Internacional de Educação Superior**. V.8 (p. 1 – 22), 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8663812>. Acesso em: 3 de abril de 2023.

BRASIL. Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils). **CÓDIGO DE CONDUTA E ÉTICA**. 2014. Disponível em: <https://febrapils.org.br/wp-content/uploads/2022/01/Codigo-de-Conduita-e-Etica.pdf>. Acesso em: 1 de abril de 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Casa Civil: Brasília, DF, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 15 de março 2023.

BRASIL. **Decreto nº 5. 626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Casa

Civil: Brasília, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 2 de abril de 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Casa Civil: Brasília, DF, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm. Acesso em: 5 de abril de 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 2 de abril de 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF, 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm. Acesso em: 3 de abril de 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. Políticas afirmativas para a inclusão do surdo no ensino superior: algumas reflexões sobre o acesso, a permanência e a cultura universitária. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 92, n. 232, 2011. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812011000300006. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

CÁ, Taise Gomes dos Santos; PAVÃO, Silvia Maria de Oliveira. REGISTRO DE SINAIS-TERMO NA ÁREA DA BOTÂNICA. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v.3, n.7 (p.1-15), 2022. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/reed>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. JUVENTUDE E CULTURA SURDA. **Revista Artes de Educar**, v. 2, n.1 (p.104-115), 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/24888/0>. Acesso em: 1 de outubro de 2023.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de et al. Gramática da datilologia em Libras. **Peer Review**, v.5, n. 3 (p.136-150), 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/369355445_Gramatica_da_datilologia_em_Libras. Acesso em: 10 de outubro de 2023.

CAREGNATO, Rita Catalina; MUTTI, Regina. PESQUISA QUALITATIVA: ANÁLISE DE DISCURSO VERSUS ANÁLISE DE CONTEÚDO. **Revista Texto & Contexto Enfermagem**, v 15, n 4 (p. 679-648), 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCtbZDZHgNP/?lang=pt>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

CARVALHO, Andréa dos Guimarães de; SANTOS, Adriell Fonseca. A criação de sinais em libras por meio de pessoas ouvintes. **Revista Polyphonia**, v. 32, n. 2 (p. 195-205), 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/70843>. Acesso em: 9 de outubro de 2023.

CASTRO, Fernanda G. A. Soares de; CALIXTO, Hector Renan da Silveira. **ASPECTOS HISTÓRICOS E LEGAIS SOBRE A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL: DO IMPÉRIO A REPÚBLICA VELHA**. *Journal of Research in Special Educational Needs*, v 16, n 1 (p. 192-196), 2016. Disponível em: <https://nasenjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1471-3802.12281>. Acesso em 28 de março de 2023.

CEZAR, Kelly Priscilla Lóddo; FISCHER, Katherine. O USO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NO ENSINO BILÍNGUE PARA ACADÊMICOS SURDOS. **Revista Ideação**, v.22, n.1 (p. 83-101), 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347000713_O_USO_DOS_RECURSOS_TECNOLOGICOS_NO_ENSINO_BILINGUE_PARA_ACADEMICOS_SURDOS. Acesso em: 1 de outubro de 2023.

COELHO, Evene Thais Austriaco et al. Uma perspectiva histórica sobre a educação dos surdos no Brasil: Um olhar sobre as leis que tratam sobre a educação inclusiva. **Revista Conjecturas**, v 22, n 18 (p. 873-892), 2022. Disponível em: <http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1720>. Acesso em: 7 de abril de 2023.

COSTA, Cibele Fernandes da; SARDAGNA, Helena Venites. **Educação de Surdos: Articulando História e Legislação**. *Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*, v. 16, n. 44 (p. 159-173), 2021. Disponível em: <https://revistas.utp.br/index.php/a/article/view/2504>. Acesso em: 28 de março de 2023.

DE PAULA, Liana Salmeron Botelho. CULTURA ESCOLAR, CULTURA SURDA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA ESCOLA. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.15, n.3 (p.407-416), 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/L75D5S73FqPjLRt8PzhP6rr/>. Acesso em: 2 de outubro de 2023.

DEL MOURO, Karianny Aparecida Gerotto. **DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO ACADÊMICO/PROFISSIONAL DE ESTUDANTES SURDOS EM LICENCIATURAS DE QUÍMICA, FÍSICA E MATEMÁTICA**. Palotina-PR, 2023. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/83019>. Acesso em: 6 de outubro de 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes**. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013. 256 p.

FORTUNATO, Ivan. Práticas Pedagógicas no Ensino Superior: Relato de Experiências com a Disciplina Didática em Licenciaturas. **Revista Internacional de Educação Superior**. V.6 (p. 1 – 13), 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8655958>. Acesso em: 4 de abril de 2023.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ACOLHIMENTO E INCLUSÃO: A PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA CRÍTICA. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, v.21, n. esp.2, (p. 964-978), 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10370>. Acesso em: 3 de abril de 2023.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. **Revista Pro-posições**, v.27, n1 (p. 133-153), 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/WsS9BVxr8VXR796zcdDNcmM/#>. Acesso em: 2 de outubro de 2023.

GARCIA, Kamilla Fonseca Lemes. **O recurso audiovisual no ensino de surdos numa abordagem ciência, tecnologia, sociedade, ambiente: diálogos sobre radiação e a saúde humana**. Orientadora: Sandra Regina Longhin. 2022. Dissertação (mestrado) IFG, Câmpus Jataí, 2022. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11916649. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

GIAMLOURENÇO, Priscila Regina Gonçalves de Melo; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A díade formação-atuação do tradutor-intérprete de Libras para o contexto educacional. **Revista Estudos Linguísticos**, v.50, n.2 (p.653-668), 2021. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3135>. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Editora Atlas, 7^{ed} (p.248), 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Editora Atlas, 6^{ed}, 2010. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-etc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 8 de abril de 2023.

GODOY, Arilda Schmidt. PESQUISA QUALITATIVA TIPOS FUNDAMENTAIS. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.3 (p.20-29), 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/>. Acesso em: 4 de outubro de 2023.

GOMES, Adrielly Antonia Santos. **O Processo de Inserção da Primeira estudante Surda em um Programa de Pós-graduação em uma universidade pública do sul de Minas**. Orientadora: Rosana Maria Mendes. 2022. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Lavras. 2022. Disponível em: http://repositorio.ufla.br/bitstream/1/56107/4/DISSERTA%C3%87%C3%82O_O%20processo%20de%20inser%C3%A7%C3%A3o%20da%20primeira%20estudante%20surda%20em%20um%20programa%20de%20p%C3%B3s-gradua%C3%A7%C3%A3o%20em%20uma%20universidade%20p%C3%BAblica%20do%20sul%20de%20Minas.pdf. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

GOMES, Christianne Rocha; SILVA, Joilson Pereira da; SOUZA, Rita de Cácia Santos. EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE ESTUDANTES SURDOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Revista Docência do Ensino Superior**. V. 8, n. 1 (p. 61-76), 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/2390>. Acesso em: 3 de abril de 2023.

GOMIDES, Paula Aparecida Diniz et al. DOCÊNCIA E INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: ‘METAMORFOSES’ NOS PERCURSOS DE UM ESTUDANTE /PESQUISADOR SURDO. **Revista Ideação**. V.25, n.1 (p. 55-73), 2023. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/29609>. Acesso em: 5 de abril de 2023.

GUTIERREZ, Ericler Oliveira. Audiovisual produzido por jovens surdos: um roteiro de inclusão e acessibilidade. **Revista Educação Especial**, v.32, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/30794>. Acesso em: 22 de outubro de 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). **Resumo Técnico do Censo da Educação Superior 2021: notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/resumo-tecnico-do-censo-da-educacao-superior-2021>. Acesso em: 10 de outubro de 2023.

LAGE, Aline Lima da Silveira; KELMAN, Celeste Azulay. MEDICALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE SURDOS: O CASO DO INES POR PROFESSORES E ALUNOS. **Revista Práxis Educacional**, v. 15, n. 36 (p.19-42), 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5858>. Acesso em: 1 de abril de 2023.

LACERDA, Anderson da Costa. A COMUNICAÇÃO UTILIZADA PELOS SURDOS E A COMUNICAÇÃO UTILIZADA ENTRE OS DEFICIENTES AUDITIVOS SUAS DIFERENÇAS. **Revista Observatório**, v. 6, n. 4 (p. 1-18), 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348825182_A_COMUNICACAO_UTILIZADA_PELOS_SURDOS_E_A_COMUNICACAO_UTILIZADA_ENTRE_OS_DEFICIENTES_AUDITIVOS_SUAS_DIFERENCAS. Acesso em: 1 de outubro de 2023.

LOPES, Sonia de Castro; FREITAS, Geise de Moura. A construção do projeto bilíngue para surdos no Instituto Nacional de Educação de Surdos na década de 1990. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, n 246 (p. 372-386), 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/5q9mgFrzMcmVxwrLRdBCZGf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 de abril de 2023.

MAMAN, Aline de; FONSECA, Thays Fernanda Henriques Dantas da; RÊGO, Herbert Costa do. ANATOMIA HUMANA EM LIBRAS: ESTRATÉGIA PARA INCLUSÃO DE PROFISSIONAIS SURDOS NA SAÚDE. **Revista Educação Inclusiva**, v.5, n.1 (p. 45-59), 2021. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REIN/article/view/277/287>. Acesso em: 7 de maio de 2023.

MANDELBLATT, Janete; FAVORITO, Wilma. ALUNOS SURDOS NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS, POSSIBILIDADES E A CONTRIBUIÇÃO DO MANUÁRIO ACADÊMICO. **Revista Aleph**, v. 2, n. especial (p.69-100), 2022. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=MANDELBLATT%2C+Janete%3B+FAVORITO%2C+Wilma.+ALUNOS+SURDOS+NO+ENSINO+SUPERIOR%3A+DESAFIOS%2C+POSSIBILIDADES+E+A+CONTRIBUI%3%87%3%83O+DO+MANU%3%81RIO+ACAD%3%8AMICO.+Revista+Aleph%2C+v.+2%2C+n.+especial+\(p.69-100\)%2C+2022.&oq=MANDELBLATT%2C+Janete%3B+FAVORITO%2C+Wilma.+ALUNOS+SURDOS+NO+ENSINO+SUPERIOR%3A+DESAFIOS%2C+POSSIBILI](https://www.google.com/search?q=MANDELBLATT%2C+Janete%3B+FAVORITO%2C+Wilma.+ALUNOS+SURDOS+NO+ENSINO+SUPERIOR%3A+DESAFIOS%2C+POSSIBILIDADES+E+A+CONTRIBUI%3%87%3%83O+DO+MANU%3%81RIO+ACAD%3%8AMICO.+Revista+Aleph%2C+v.+2%2C+n.+especial+(p.69-100)%2C+2022.&oq=MANDELBLATT%2C+Janete%3B+FAVORITO%2C+Wilma.+ALUNOS+SURDOS+NO+ENSINO+SUPERIOR%3A+DESAFIOS%2C+POSSIBILI)

DADES+E+A+CONTRIBUI%C3%87%C3%83O+DO+MANU%C3%81RIO+ACAD
%C3%8AMICO.+Revista+Aleph%2C+v.+2%2C+n.+especial+(p.69-
100)%2C+2022.&aqs=chrome..69i57.736j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso
em: 1 de abril de 2023.

MARTINS, Joseane Maria Rachid; PIEMONTE, Mariana da Rocha. ENSINO HÍBRIDO DE HISTOLOGIA EM TURMAS DE INCLUSÃO DE SURDOS. **Revista Prática Docente**. V. 5, n. 3 (1865-1883), 2020. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/403>. Acesso em: 3 de abril de 2023.

MARTINS, Elita Betânia de Andrade; ANTUNES, Katiuscia C. Vargas; MONTEIRO, Sandrelena da Silva. FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS SABERESFAZERES DOCENTES EM DIÁLOGO COM A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v.23, número especial (p.877-896), 2019.

OLIVEIRA, Willian Silva de; DIONYSIO, Renata Barbosa. Atividades Pedagógicas no Ensino Fundamental para Alunos Surdos: Produção de Material Didático de Matemática para uma prática docente bilíngue. **Revista Educação Especial**, v.36, n.1 (p. 1-19), 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/70193>. Acesso em: 4 de setembro de 2023.

PAIVA, Gisele Oliveira da Silva; MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de. Acessibilidade Linguística de Surdos no Ensino Superior: Reflexões Sobre o Curso de Letras Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27 (p. 89-104), 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/WvvByDwr9hGGtgZnJZfKTjG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 de maio de 2023.

PRADO, Safira Micaelle Andrade; SILVA, Rosa Amélia Pereira da. A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO NO IFB. **Nova Paideia Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, v. 3, n. 2 (p. 82-93), 2021. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/85>. Acesso em: 9 de abril de 2023.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. ENTRE A INCLUSÃO E A EXCLUSÃO: CAMINHOS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL. **Revista de Letras e Humanidades**, v. 7, n. 2, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/51393034/ENTRE_A_INCLUS%C3%83O_E_A_EXCLUS%C3%83O_CAMINHOS_DA_EDUCA%C3%87%C3%83O_DE_SURDOS_NO_BRASIL. Acesso em: 2 de abril de 2023.

PEREIRA, Geraldo; BARBOSA, Maria Inês Batista; REZENDO FILHO, Luiz Augusto Coimbra de. Ouvindo imagens: ensaio sobre uma oficina audiovisual inclusiva de cinema e educação. **Revista Pro-Posições**, v. 30 (p. 1-25), 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/KCpk6VK7QLvFqZwWqt6PnSz/?format=pdf>. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

PEREIRA, Kevin Lopes; FREITAS-REIS, Ivoni. Discursos sobre o Papel do Tradutor-Intérprete Educacional de Libras/Português. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.29 (p.439-456), 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/JRdVWbwxs7GmkfgJzR9fS9m/?format=html>. Acesso em: 9 de outubro de 2023.

PINHO, Maria José de; QUEIROZ, Marina Carla da Cruz. RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: EM BUSCA DA RUPTURA PARADIGMÁTICA. **Revista de Educação, Linguagem e Literatura**. V. 13 (p. 1-10), 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356925591_RESSIGNIFICACAO_DAS_PRATICAS_PEDAGOGICAS. Acesso em: 4 de abril de 2023.

RIBEIRO, Priscila Leite Loiola Ribeiro; CASTRO, Helena Carla; ABREU, Paul Alvarez. ESTRATÉGIA DE ENSINO BASEADA NO USO DE TECNOLOGIAS PARA SENSIBILIZAÇÃO SOBRE A INCLUSÃO DE SURDOS. **Revista Debates em Educação**, v.12, n.28 (p.178-198), 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/349115815_Estrategia_de_ensino_baseada_no_uso_de_tecnologias_para_sensibilizacao_sobre_a_inclusao_de_surdos. Acesso em: 4 de outubro de 2023.

RICHARTZ, Terezinha; OLIVEIRA, Thiago Lemes de. Formação continuada de professores ao incluir aluno surdo no ensino superior: relato de experiências. **Revista Diálogo Educacional**, v. 21, n.70 (p.1036-1052), 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354181491_Formacao_continuada_de_professores_ao_incluir_aluno_surdo_no_ensino_superior_relato_de_experiencias. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

ROCHA, Rogers; SILVA, Diego Machado da. EFEITOS HISTÓRICOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL: CONCEPÇÃO DE LÍNGUA(GEM). **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 15 (p.150-162), 2021. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/515>. Acesso em: 7 de abril de 2023.

RODRIGUES, Karoline de Azevedo Ferreira. A COMUNICAÇÃO EM LIBRAS USADA PELOS ALUNOS SURDOS PARA O ENSINO DE TERMINOLOGIAS ESPECÍFICAS DE BOTÂNICA. **Revista UNIANDRADE**. V. 21, n.1 (p.49-58), 2020. Disponível em:

<https://revista.uniandrade.br/index.php/revistauniandrade/article/view/1693>. Acesso em: 5 de abril de 2023.

RODRIGUES, Rogério Pacheco et al. PRODUÇÃO DE GLOSSÁRIO EM LIBRAS PARA EQUIPAMENTOS DE LABORATÓRIO: OPÇÃO PARA EXPERIMENTAÇÃO QUÍMICA E INCLUSÃO. **Revista Experiências em Ensino de Ciências**. V. 14, n. 3 (p.1-27), 2019. Disponível em: https://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID637/v14_n3_a2019.pdf. Acesso em: 2 de abril de 2023.

RODRIGUES, José Raimundo et al. CONGRESSO DE PARIS (1900): A SEÇÃO DE SURDOS E SUA ATUALIDADE EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO DE SURDOS. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20 (p. 1-25), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/tWRy9qH9RHS3mdk7FhjNzdJ/?lang=pt>. Acesso em: 7 de abril de 2023.

SABINO, Alexssandro Barbosa. **HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DA EDAC: PRÁTICAS DE CULTURA ESCOLAR NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE CAMPINHA GRANDE (1990-2015)**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/xmlui/handle/123456789/15254>. Acesso em: 13 de outubro de 2023.

SANCHES, Isabel Rodrigues; SILVA, Polliana Barboza da. A inclusão de estudantes surdos no ensino superior brasileiro: O caso de um curso de Pedagogia. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 32, n. 1 (p.155-172), 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333712705_A_inclusao_de_estudantes_surdos_no_ensino_superior_brasileiro_O_caso_de_um_curso_de_Pedagogia. Acesso em: 03 de maio de 2023.

SANTOS, Alessandra Conceição dos et al. LIBRAS E ENSINO DE BIOLOGIA PARA SURDOS: uma proposta de sequência didática. **Revista Macambira**. V.6, n.1 (p.1-13), 2022. Disponível em: <https://revista.lapprudes.net/index.php/RM/article/view/700>. Acesso em: 5 de abril de 2023.

SANTOS, Daniela Copetti et al. Criação de sinais para facilitar o ensino e a aprendizagem de surdos em ciências e biologia. **Revista LínguaTec**. V. 3, n. 1, (p.71-91), 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/LinguaTec/article/view/3435>. Acesso em: 4 de abril de 2023.

SANTOS, Daniela Souza; DUARTE, Ana Cristina Santos; SILVA, Ione Barbosa de Oliveira. ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA PARA ESTUDANTES SURDOS: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES NAS PERCEPÇÕES DE PROFESSORES E

DE INTÉRPRETES DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS. **Revista de Iniciação à Docência**, v.3, n.1 (p.51-67), 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/363901124_Ensino_de_Ciencias_e_Biologia_para_estudantes_surdos_dificuldades_e_possibilidades_nas_percepcoes_de_professores_e_de_interpretes_de_Lingua_Brasileira_de_Sinais. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

SANTOS, Taise Gomes do. **TERMINOLOGIA EM LÍNGUA DE SINAIS: GLOSSÁRIO BOTÂNICA EM LIBRAS**. Orientadora: Silvia Maria de Oliveira Pavão. 2021. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Santa Maria. 2021. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11077363. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

SANTOS, Miquéias Ambrósio dos; ROCHA FILHO, João Bernardes da; VASCONCELOS, Emanuella Silveira. **EDUCAÇÃO DE SURDOS: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS NA LEGISLAÇÃO**. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 13, n. 39 (p.73-89), 2023. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/957>. Acesso em: 7 de abril de 2023.

SILVA, Ivani Rodrigues; FAVORITO, Wilma. Reflexões Sobre o estatuto das Línguas nos Cotnextos Bi-multilíngues de Educação para Sudos no Brasil. **Revista Línguas e Letras**. V.19, n°44 (p.149167), 2018. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Reflex%C3%B5es-sobre-o-Estatuto-das-L%C3%ADnguas-nos-de-para-Silva-Favorito/8b61fa3d5c02bf46bcc40311d768a3c4ac1f615c>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

SILVA, Roseane Cristina. A INCLUSÃO DE SURDOS: UMA REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO BILÍNGUE, DIVERGÊNCIAS E PENSAMENTOS EM RELAÇÃO AO PROCESSO EDUCACIONAL. **Revista Valore**, v.3, n.1 (372-387), 2018. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/78>. Acesso em: 5 de outubro de 2023.

SILVA, Cirlande Cabral da; KALHIL, Josefina Barrera. A aprendizagem de genética à luz da Teoria Fundamentada: um ensaio preliminar. **Revista Ciência & Educação**, v.23, n.1 (p.125-140), 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/kq5jc47qxJhtwjXD3Tb6xSq/>. Acesso em: 9 de outubro de 2023.

SILVA, Danielle Costa da; HERNÁNDEZ, Lorena Granja. Aplicação metodológica da análise de conteúdo em pesquisas de análise de política externa. **Revista Brasileira de**

Ciência Política, n. 33 (p. 1-48), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/QFmq77JnT468fcBKCdh99ms/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 de março de 2023.

SILVA, Silvana Marque; SANTOS, Benedito Rodrigues dos; ROSA, Gabriel Artur Marra e. A identidade e a subjetividade cultural surda em vistas à inclusão. **Revista Educação Especial**, v.29, n.55 (p.429-440), 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/17102>. Acesso em: 4 de novembro de 2023.

SOUZA, Adriana Alves Novais et al. INTERCULTURALIDADE E INCLUSÃO: UMA CRÍTICA ÀS POLÍTICAS DE INCLUSÃO DE SURDOS NO BRASIL. **Revista Debates em Educação**, v.13, número especial (p.268-281), 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354939416_Interculturalidade_e_inclusao_um_a_critica_as_politicas_de_inclusao_de_surdos_no_Brasil. Acesso em: 2 de outubro de 2023.

TAVARES, Eliane Barth; ANIC, Cinara Calvi; CABRAL NETO, João dos Santos. Citologia para estudantes surdos: uma unidade de ensino potencialmente significativa. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**. V.4, n. 8 (p.159-178). Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Citologia-para-estudantes-surdos%3A-uma-unidade-de-Tavares-Anic/1836ad53f8b214679efaecf06815ce98436ce913>. Acesso em: 1 de abril de 2023.

TEIXEIRA, Cristina Simone de Sena; OLIVEIRA, Francielly da Silva; FREITAS, Inalda Maria Duarte. **Educação de surdos: repressões e conquistas**. *Diversitas Journal*, v. 6, n. 2 (p. 2606-2626), 2021. Disponível em: https://periodicos.ifal.edu.br/diversitas_journal/. Acesso em: 4 de abril de 2023.

VIGOTSKI, Lev Semionovich *Obras Completas – Tomo Cinco: Fundamentos de Defectologia. / Tradução do Programa de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE)*. — Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2022. 488 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Obras Completas – Tomo Cinco: Fundamentos de Defectologia**, 1983. Tradução do Programa de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais, Cascavel- PR, 2022. Disponível em: <https://ebin.pub/obras-completas-tomo-cinco-fundamentos-de-defectologia-9591303610-9591303629-8459934101.html>. Acesso em: 4 de outubro de 2023.

VIVIAN, Ellen Cristine Prestes; LEONEL, André Ary. Foguetes, satélites artificiais e telescópios através das libras: uma abordagem histórica para o ensino-aprendizagem de astronomia na cultura surda. **Revista Brasileira de Ensino de Ciências**, v. 4 (p.1341-1358), 2021. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/367853837_Foguetes_satelites_artificiais_e_telescopios_atraves_da_libras_uma_abordagem_historica_para_o_ensino-aprendizagem_de_astronomia_na_cultura_surda. Acesso em: 6 de outubro de 2023.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**. Editora Artmed: Porto Alegre, 1998. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/12Y_B55701m3z-UfDFHzd-90vvvx8uRu_/view. Acesso em: 1 de abril de 2023.

ZALASIK, Letícia; BUDDE, Cristiane. A INCLUSÃO DO SURDO NO MERCADO DE TRABALHO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE FATORES QUE INFLUENCIAM NESSE PROCESSO. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v.2 (p.1-21), 2021. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/rep>. Acesso em: 6 de outubro de 2023.

ZILIO, Virgínia Maria; KRAEMER, Graciele Marjana. AMBIENTE LINGUÍSTICO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS. TEXTURA – **Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 22, n. 49 (p. 64-81), 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/forumelainclusao/?p=667>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

ZILIOTTO, Denise Macedo; SOUZA, Denise Jordão; ANDRADE, Ionara Fadua. QUANDO A INCLUSÃO NÃO SE EFETIVA: A EVASÃO DE ALUNOS SURDOS NO ENSINO SUPERIOR. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 62 (p. 727-740), 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3131/313158892016/313158892016.pdf>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

APÊNDICE A – Roteiro das Entrevistas



CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS

O presente questionário teve por finalidade investigar práticas inclusivas que favorecem a inclusão de estudantes surdos, desenvolvidas no curso de Licenciaturas em Ciências Biológicas do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Desse modo a entrevista com o Tradutor Intérprete de Libras da instituição supracitada seguiu o seguinte roteiro de perguntas:

PERGUNTAS AO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS

- 1) Quais as principais atribuições de um Tradutor Intérprete de Libras dentro da graduação?
- 2) A Biologia possui diversos termos que não são muito utilizados por quem não é da área, desse modo, haviam nomenclaturas as quais você não conhecia o sinal ou que estes não existissem? Se sim, como se dava a tradução nesses casos?
- 3) Acredita ser importante a colaboração do professor com o processo de tradução dos conteúdos da disciplina para a Libras?
- 4) Poderias nos citar alguns exemplos de colaborações professor-tradutor intérprete de libras que acredita ter auxiliado no processo ensino-aprendizagem da estudante surda?
- 5) Quais foram os maiores desafios que você enfrentou como Tradutor Intérprete de Libras no percurso acadêmico da estudante surda que você acompanhou?
- 6) Quais mudanças na graduação acredita que poderiam ser realizadas afim de oferecer um maior apoio aos estudantes surdos no ensino superior?

APÊNDICE B – Roteiro das Entrevistas



CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A EX DISCENTE SURDA DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O presente questionário teve por finalidade investigar práticas inclusivas que favorecem a inclusão de estudantes surdos, desenvolvidas no curso de Licenciaturas em Ciências Biológicas do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Desse modo a entrevista com a ex discente surda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da instituição supracitada seguiu o seguinte roteiro de perguntas:

PERGUNTAS PARA A DISCENTE SURDA

- 1) Como se deu o apoio inicial da Universidade com sua entrada no curso de graduação?
- 2) Das disciplinas cursadas, qual (is) você sentiu maior (es) dificuldade (s) de compreensão? Justifique.
- 3) Em quais disciplinas você teve maior facilidade de assimilação e compreensão do conteúdo?
- 4) Quais metodologias facilitaram o seu aprendizado na graduação?
- 5) Você participou de algum projeto durante a graduação? Se sim, como foi essa experiência?
- 6) Durante os anos de graduação, quais foram os maiores desafios, referentes ao curso, que você teve de enfrentar?
- 7) Quais recomendações você daria para melhorar a inclusão de estudantes surdos no ensino superior?

